



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – Uniceub
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: LEANDRO DA ROSA MARSHALL
ÁREA: TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

1984 – A Obra de George Orwell e as Teorias da Comunicação

Rodolfo Lauro Alves dos Santos
RA: 2046250/0

Brasília, Maio de 2008

Rodolfo Lauro Alves dos Santos

1984 – A Obra de George Orwell e as Teorias da Comunicação

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dr. Leandro da Rosa Marshall

Brasília, Maio de 2008

Rodolfo Lauro Alves dos Santos

1984 – A Obra de George Orwell e as Teorias da Comunicação

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leandro da Rosa Marshall
Orientador

Profa. Cláudia Maria Busato
Examinador

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

Brasília, Maio de 2008

Dedicatória

Dedico esta pesquisa de conclusão de curso a todos aqueles que pretendem, de alguma forma, contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade. Aos que buscam conhecimento para aprimoramento pessoal e aos que fogem das grades invisíveis que aprisionam nossas mentes. “O futuro está nos proles”.

Agradecimentos

Agradeço à gravidade: Ao Criador das forças e de todos nós. À meus pais: Luisa Maria da Silva e Raimundo Alves dos Santos; e irmãos: Rogério Luiz Alves dos Santos e Roseni Santos de Moraes, que seguraram minha mão enquanto dava os primeiros passos. Ao meu orientador, Leandro Marshall, que me apresentou o melhor caminho a seguir. Aos que, de uma maneira ou de outra, me incentivaram a seguir o trilhando: Anderson Trindade do Nascimento, Carlos Andrés Cerejo, Cláudio Moreira Santana, Clístenes Cardoso, Éderson Bancillon, Eugênio Pacelli de Oliveira, Everton Araújo, Helen de Souza Silva, Helton José Domingos Leonel, Heverton Barbosa de Oliveira, Hudson Vitor Fonseca, João Filipi Porto, Luciana da Cunha Fernandes, Romulo Barroso Silva, Tatiane Seixas de Almeida Oliveira, Thaiane Seixas de Almeida Oliveira, Thiago da Silva Rodrigues, Victor Martins e Wellington Gontijo. Aos mestres: Cláudia Busato, Deusdedith Junior, Luiz Cláudio Ferreira, Marcone Santos e Sérgio Euclídes. E, em especial, a Remo Barroso Silva e Sara Almeida Campos.

“Ao futuro ou ao passado, a uma época em que o pensamento seja livre, em que os homens sejam diferentes uns dos outros e que não vivam sós – a uma época em que a verdade existir e o que for feito não puder ser desfeito:
Cumprimento da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do *duplipensar*.”

George Orwell

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga aspectos teóricos das obras de George Orwell, mais especificamente *1984 – A Era do Grande Irmão*, relacionando o livro às teorias da comunicação. Revendo a história de Orwell e considerando as temáticas de suas criações, este trabalho desenha um esboço do pensamento comunicacional do escritor profético inglês. Analisando a origem dos meios de comunicação e as vertentes do pensamento comunicacional, a pesquisa cruza tal retrospecto com a síntese apocalíptica *orwelliana* de maneira ensaística. Desenvolvendo um questionamento contemplativo expansivo, esta monografia encontrou uma nova teoria da comunicação no livro *1984* e trouxe Orwell para a atualidade, considerando temas relevantes do cotidiano, como: produção cultural, revolução tecnológica, inovação dos meios de comunicação e perda de privacidade. De maneira empírica, comprovou, com a utilização de questionários que foram respondidos por alunos de centros de ensino públicos e particulares, que a obra-prima de George Orwell é negligenciada no ensino do jornalismo no Distrito Federal.

Palavras-chave: teorias da comunicação, George Orwell, *1984*, mídia, Grande Irmão.

SUMÁRIO

Introdução	9
Tema	9
Justificativa	10
Objetivos	11
Objetivo geral	11
Objetivos específicos	11
Problema de pesquisa/Hipóteses	12
Metodologia	12
Estrutura	13
1 George Orwell na <i>teletela</i>	14
2 O Pensamento Comunicacional de Orwell	19
3 Os <i>Media</i> e o Pensamento Comunicacional	27
3.1 A História dos Meios de Comunicação	27
3.2 Vertentes do Pensamento Comunicacional	32
3.2.1 Os teóricos críticos	33
3.2.2 Os estudos de comunicação Latino Americanos	33
3.2.3 Espiral do Silêncio	34
3.2.4 <i>Agenda Setting</i>	35
3.2.5 Os empírico-funcionalistas	36
3.2.6 Os estudos de Recepção	36
3.2.7 Os <i>cultural studies</i>	37
3.2.8 Os estudos de Semiologia e Semiótica	38
3.2.9 A Escola Canadense	38
3.2.10 <i>Gatekeeper</i>	39
4 Ignorância é Força	40
5 Orwell Atual	46
5.1 Referências Tecnológicas	46
5.2 Referências Culturais e Sociais	48
5.3 Referências Comunicacionais	51
Conclusão	57
Bibliografia	58
Apêndice	59

Introdução

Quando *1984 – A Era do Grande Irmão* foi publicado, em 1948, algumas teorias da comunicação ainda não tinham sido formuladas e chegado ao conhecimento do público. O livro foi lançado como um alerta às sociedades futuras sobre a repressão de governos totalitários e suas nuances. O autor Eric Arthur Blair escreveu sua obra prima sob o pseudônimo de George Orwell, pouco antes de morrer de tuberculose. Porém, seu legado foi deixado para os milhões de leitores que discutem até hoje os temas proféticos abordados pelo autor britânico, entre eles questões sobre o pensamento comunicacional. Em vida, George Orwell trabalhou como agente da polícia imperial em Mianmar, onde vivenciou opressão e xenofobia. Juntou-se também ao Partido Operário de União Marxista e lutou na Guerra Civil Espanhola. Foi ferido na garganta e perdeu parcialmente a fala. Tendo vivenciado tantas atrocidades, dedicou-se à literatura e criou obras-primas críticas sobre política e comportamento como *A Revolução dos Bichos* e *1984*.

Tema

O livro *1984* conta a história de Winston Smith, um editor que trabalha no Ministério da Verdade, encarregado em alterar informações por ordens do governo. E alterando os jornais e documentos, ele alterava também a história. Vivendo na Inglaterra futurista, vigiada ao máximo pela tecnologia das “teletelas”, Winston percebe as falhas do Partido Socialista, governado pelo *Grande Irmão*. Sempre em guerra com outras nações, o partido ostenta lemas paradoxais, como “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força”, para que a sociedade ignore a lógica e aceite a idéia de pensar em coisas opostas ao mesmo tempo, processo chamado de *duplipensar*.

Esta pesquisa de conclusão de curso pretende se aprofundar na vida e no romance de George Orwell, localizando, nestes, elementos embrionários das teorias relacionadas à comunicação social, verificando se seu pensamento é visionário às teorias da comunicação. Para isso, será feita uma busca com referências teóricas

em livros e periódicos sobre o tema. Como complemento a esta proposição e para detectar que idéias circulam sobre a obra no meio acadêmico, aplicou-se um questionário respondido por alunos de jornalismo das universidades do Distrito Federal, buscando saber se os acadêmicos leram o livro e quem indicou, no caso de resposta afirmativa e se os estudantes compreenderam existir uma relação entre a obra e as teorias da comunicação.

Justificativa

Na obra, facilmente reconhecemos a presença de Agenda Setting, Espiral do Silêncio e outras teorias que utilizam o direcionamento da opinião pública como força motriz. Ao estudar teorias da comunicação ou do jornalismo, a obra poderia ser usada como exemplificação para os estudantes saberem o que não devem fazer, ou ao menos reconhecerem a existência de forças por trás da máquina da comunicação. Percebendo que somente um professor de Ética havia indicado a leitura do livro, levanta-se a questão de sua relevância no ensino de comunicação. Acredita-se que seja importante ler obra tão fascinante, considerando que o livro aborda aspectos sociais, econômicos e culturais baseado num mundo fictício tão curioso. Mas o que faz de 1984 uma leitura indispensável é o fato de a problemática vivida por esta *distopia* ser tão semelhante aos dias atuais.

A idéia de aprofundamento na obra de George Orwell surge do conflito entre um historiador e um futuro jornalista. Totalmente fascinado com as idéias expostas no livro, o jornalista questionou se o historiador conhecia a obra. Que lhe sorriu e falou que não tinha interesse em romances, que só lia livros com embasamento histórico real. O futuro comunicador questionou bastante essas palavras, refletindo que um pensamento tão cartesiano como esse é o que embasa as decisões tomadas no cotidiano. Algumas vezes, a ficção é tão cruel quanto a realidade; e por vezes, é até mais dolorosa, o que nos leva a refletir e reformular pensamentos nos momentos mais importantes. Com o sucesso de audiência do programa *Big Brother Brasil* muitos brasileiros passam várias horas em frente à televisão sem sequer saber de onde vem a idéia do mito *Grande Irmão* e da ausência de privacidade. Ao ler o livro de maneira cuidadosa, encontram-se vários pontos em comum com a

sociedade em que vivemos. É como se marchássemos em direção a algo já previsto, porém, todos os avisos são ignorados e continuamos em frente. O filme *V de Vingança*, dos irmãos Wachowski, é uma adaptação para o cinema dos quadrinhos de mesmo título escrita por Alan Moore e é uma de muitas obras que foram inspiradas em *1984*. As críticas ao imperialismo de George Bush, a tirania do governo no filme em questão, teorias de conspirações e a manipulação de informações são pontas que a obra inglesa de Orwell juntou num só nó, inspirando grandes pensadores e revolucionários de épocas passadas e recentes. Considerando o universo amplo de obras inspiradas em *1984*, constata-se que mesmo por ser uma obra ficcional, pode tratar tal livro como documento histórico de uma época passada, porém futura na data de sua criação. O resto é história escrita nos livros.

Objetivos

O tema é importante para a sociedade contemporânea pela relevância de discutir temas como perda da privacidade, manipulação de informações, sistemas de governo totalitários, liberdade de expressão e direito à informação. A leitura de George Orwell em si já é um marco de reflexão. Porém, a leitura direcionada e comentada deixaria o tema mais enriquecedor.

Objetivo geral

O objetivo é, ao avaliar o livro *1984*, de George Orwell, verificar a possibilidade de a obra ser visionária às Teorias da Comunicação Apocalípticas do Século XX, podendo ela mesma ser considerada uma Teoria da Comunicação.

Objetivos específicos

- I. Fazer uma revisão bibliográfica sobre as obras do autor;
- II. Historiar sobre a vida, o contexto e o pensamento de George Orwell;
- III. Revisar os meios de comunicação desde os primórdios e as teorias da comunicação do século XX;
- IV. Fazer pesquisa de campo com aplicação de questionários para alunos de jornalismo do Distrito Federal;
- V. Fazer uma análise crítica do livro e das teorias.

Problema de pesquisa/Hipóteses

O ineditismo é um dos fatores que surpreendem na obra *1984* de George Orwell. Assim, acredita-se encontrar presentes no livro uma teoria da comunicação que não foi formulada até hoje e definir a obra de Orwell como visionária. Os fatores apocalípticos e proféticos, que se notam nos segmentos políticos, econômicos e sociais também podem ser vislumbrados na comunicação social. Além de encontrar tais sinais na literatura *orwelliana*, a pesquisa pretende aprofundar-se na vida do autor, procurando semelhanças que tenham servido de inspiração para a criação de *1984*.

Metodologia

Para atingir o objetivo proposto na hipótese de maneira satisfatória, é obrigatório o aprofundamento no universo de *1984* e de George Orwell. Uma leitura mais atenta e detalhada do livro será importante durante o trabalho de pesquisa para conflitar idéias e identificar semelhanças. Analisar outras obras de Orwell também se faz necessário antes de dar início ao estudo das teorias comunicativas. O romance *Dias na Birmânia*, onde o autor descreve o período em que trabalhou como agente de polícia e ficava responsável pela repressão de estrangeiros em Mianmar é fundamental na meta de traçar uma biografia informativa do autor. Da mesma forma, é ideal conhecer a criação antológica que precedeu sua obra prima, no caso, *A*

Revolução dos Bichos. Relatar a vida de Orwell é também explicar de onde surgiu a inspiração para criar o marco *1984* e o seu pensamento comunicacional. Depois da análise *orwelliana*, o segundo passo é trilhar a bibliografia dos meios de comunicação e das principais teorias da comunicação, com suas determinadas origens e escolas para comparação. Separando cada capítulo de *1984* e analisando a provável teoria encontrada, será possível formular um apanhado geral que responderá a primeira parte da hipótese sobre o ineditismo do pensamento comunicacional presente no livro. Após a análise dos capítulos, coletar a opinião dos alunos universitários de jornalismo do Distrito Federal, para verificar a compreensão de importância do livro na comunidade acadêmica como um foco de discussão sobre o poder da comunicação, esta pesquisa de campo finalizará o trabalho de avaliação. Pela verificação estatística das respostas dos questionários será possível responder a segunda parte da hipótese sobre a relevância do tema em questão.

Estrutura

A pesquisa será delimitada pelos conteúdos a serem analisados. Como ponto de partida, o romance *1984* será o alicerce para base de comparação da pesquisa. A idéia é identificar as teorias da comunicação, comparando sua presença no livro e verificando a data de sua formulação, assim, conferindo se a obra de George Orwell foi visionária ao pensamento comunicacional. A primeira parte do projeto é separar cada capítulo do livro de George Orwell e buscar relações com teorias listadas. Restringindo a pesquisa ao livro *1984* e às principais teorias e escolas da comunicação, o objeto terá delimitação definida. A segunda parte do projeto será uma pesquisa de campo entre alunos universitários para verificar a relevância e a popularidade do livro, e também será restrita pelo Distrito Federal, em todas as faculdades públicas e particulares que oferecem o curso de jornalismo. A aplicação de questionários a serem respondidos por alunos direcionará o âmbito da pesquisa para a instituição acadêmica. Com base nos dados da primeira e segunda fase, finalmente a análise poderá culminar na resposta definitiva do objeto de pesquisa.

1 George Orwell na *teletela*

Por que devemos ler George Orwell, tendo passado mais de meia década de sua morte? Um professor de Ciências Políticas responderia essa pergunta sem hesitar. Como não exaltar um dos ícones mais influentes do século 20, que serviu de inspiração para definição do termo *orwelliano*, palavra usada de forma pejorativa para definir o medo do sistema totalitário? Recorrendo à política vislumbrada em *1984* e comparando à história presenciada pela sociedade desde 1950 até o final do século passado, a questão sobre como George Orwell sabia o que poderia acontecer no futuro nos deixa com a curiosidade aguçada. Como base de informações sobre a vida do autor, o livro de Ricardo Bonalume Neto foi a fonte de pesquisa para o capítulo bibliográfico à seguir.

George Orwell, o homem que escrevia como se vislumbrasse o futuro com uma bola de cristal, chamava-se, na verdade, Eric Arthur Blair. Nascido em 1903, numa cidade indiana chamada Motihari, Eric era o filho do meio, formando o trio de filhos composto por ele e suas duas irmãs, Marjorie Frances e Avril Nora, primogênita e caçula, consecutivamente. Seu pai, Richard Walmesley Blair era funcionário do império britânico na Índia e permaneceu naquele país mesmo quando Ida Mabel Blair, mãe de Eric, resolveu levar a família de volta para a Inglaterra. Depois de algum tempo, Richard se aposentou e também retornou para a terra natal. A família de Eric vivia na luta constante entre renda e aparências, já que era importante manter o *status* de nobreza construído durante a estada no país asiático. Porém, a família Blair, pertencente à classe média, não conseguia conciliar a ostentação com o dinheiro que lhes sobrava. Assim, o futuro George Orwell estudou em escola preparatória particular durante a infância, e para manter-se numa instituição particular de prestígio como a Saint Cyprian's, precisou destacar-se, vinculando seu desempenho a uma bolsa que possibilitava seu aprendizado. Por causa da rigidez do ensino britânico e da maledicência dos colegas de internato, que caçoavam dele por pertencer à classe média baixa, Eric desenvolveu nesta época traços marcantes em sua escrita, como a repulsa pela diferença de classes sociais, a mágoa com o modelo de ensino tradicional e o jeito observador, inseguro, pessimista e introvertido de ser.

Sua juventude turbulenta, pincelada por ideais socialistas surgidos com o fim da primeira guerra mundial, foi marcada por ápices de formação de caráter. O primeiro veio no momento em que decidiu assumir a tradição familiar e se engajar no exército, representando a repressão inglesa na colônia indiana. Optando por Mianmar, ao invés de seguir a carreira acadêmica em Oxford ou Cambridge, Orwell presenciou, nos vários anos que permaneceu como policial imperial no país asiático, as desigualdades características dos governos imperialistas. O preconceito étnico entre homens brancos para com nativos indignava o escritor, que se mantinha calado por medo de represálias. O laboratório despretensioso serviu de inspiração para seu relato pseudo-biográfico na persona de John Flory, em *Dias na Birmânia*. Em pequena dose, sua vivência repressiva também foi aproveitada em 1984.

O livro detalhista que retrata a hostilidade dos nativos para com os conquistadores, e dos representantes do império contra o ambiente, os costumes e os habitantes locais foi inspirado no período em que Orwell trabalhou como funcionário da Polícia Imperial Indiana, porém, essa não foi sua obra de estréia. Regressando à Inglaterra, o escritor viveu como mendigo, buscando, de maneira consciente, referências para escrever sobre pessoas oprimidas. Conforme citação do próprio Orwell no livro de Ricardo Bonalume Neto (1984, p. 33-34), escrito sobre o autor inglês, ele diz: “Eu sentia que teria de escapar não meramente do imperialismo, mas de qualquer forma de domínio do homem sobre o homem. Eu queria submergir, descer junto aos oprimidos, ser um deles e estar ao seu lado contra seus tiranos”. Com o material pronto, editado para excluir conteúdos impróprios como palavrões, e após algumas respostas negativas, em nove de janeiro de 1933, *Na Pior em Paris e Londres* é lançado, tornando-se o marco inicial da obra *orwelliana*. Eric Arthur Blair, a partir de então, assume o pseudônimo de George Orwell, por ser extremamente crítico com suas criações e pelo medo de fracassar, guardando o anonimato até sua morte em 1950. Após o primeiro trabalho, finalmente foi o momento de publicar o relato bucólico *Dias na Birmânia*, adiado na Inglaterra por um ano e lançado primeiro em Nova Iorque, em 1934.

Em seguida, George Orwell assumiu definitivamente sua faceta romancista, criando consecutivamente *A Filha do Reverendo* em 1935, *Mantenha o Sistema* e *A Caminho de Wigan*, ambos em 1937. Os dois primeiros livros são críticas à estrutura social rígida de classe média inglesa, já o último é um relato detalhista, resultado de seis anos de pesquisa sobre os trabalhadores de Lancashire e Yorkshire, seguido de

um ensaio sobre classes sociais e falando da necessidade do socialismo. Apesar de apresentar a concepção politizada e sintética da sociedade em questão, característica marcante da escrita do romancista, as obras de 1935 a 1937 têm menor expressão comparadas a outras da lista criativa de George Orwell. Paralelamente, em junho de 1936, o escritor casou-se com Eileen Maud O'Shaughnessy.

Ainda em 1936, assumindo sua faceta engajada, o escritor viaja para a Espanha em plena guerra civil e se alista no Partido Operário de Unificação Marxista (POUM). Com seus ideais socialistas à flor da pele, no ambiente revolucionário e inspirador da Catalunha, o destino pôs Orwell ao lado de anarquistas, trotskistas e da esquerda antistalinista no fronte de batalha, fazendo-o lutar como se pertencesse à pátria espanhola. De suas experiências na guerra hispânica, Orwell levou consigo o ideal antifascista, um ferimento à bala na altura do pescoço que quase o matou e material suficiente para publicar o livro *Lutando na Espanha (Homenagem à Catalunha)*, em 1938.

Ao deixar a península ibérica, Orwell se refugiou no Marrocos para tratar o ferimento sofrido na guerra e escrever o livro *Um Pouco de Ar, Por Favor!*, onde o autor filosofa sobre a rotina maçante frente a um futuro negro. O livro pessimista, em primeira pessoa, que lida com uma temática pesada como o apego à vida num ambiente hostil de expectativa de guerra mundial, apresentando certa dose de humor foi lançado em 1939. Apesar de o ferimento ter prejudicado permanentemente a fala do escritor, Orwell cura-se e retorna à Inglaterra, onde filia-se ao ILP – Independent Labour Party, e passa escrever livretos ensaísticos até 1943, ano em que a obra considerada a fábula política mais importante do século XX começa a ganhar vida. (BONALUME NETO, 1984).

Batizado de *A Revolução dos Bichos*, ou *Animal Farm* em sua língua original, a parábola sobre uma fazenda governada por animais que se rebelaram contra os seres humanos é, na verdade, a metáfora crítica sobre o socialismo e o capitalismo, inspirada na União Soviética pós-guerra de Stalin e Trotski. Cada animal representa um segmento da sociedade; os porcos são os líderes bolcheviques e os responsáveis pela comunicação que suporta o sistema; os cães são os órgãos repressores como a polícia e o exército; o cavalo é a classe trabalhadora; e, as ovelhas e os demais animais menos inteligentes são a massa manipulável. O classicismo representado no livro reflete com fidelidade a URSS Stalinista, com

alguns fatos cronologicamente alterados. A moral da história não reside na reconciliação entre os humanos e os bichos, mas sim na degeneração dos idealistas da revolução, que lutavam em nome da igualdade e acabaram tiranizando os próprios “camaradas” que o ajudaram nos momentos críticos. O livro sobre a revolução traída de Stalin foi rejeitado para publicação diversas vezes, já que a aliança entre Inglaterra e União Soviética do período da Segunda Guerra continuava forte, e uma crítica tão evidente à nação que até pouco tempo foi companheira de batalha era um desgaste desnecessário. A obra só foi publicada em 1945, seguida da morte trágica de sua esposa Eileen, deixando o bebê recém-adotado Richard Horatio Blair com apenas dez meses sob os cuidados de Orwell.

Sofrendo com problemas de saúde e desiludido com o socialismo que apresentado pela União Soviética pós-guerra, George Orwell escreveu sua obra-prima pouco tempo antes de morrer de tuberculose. No leito de morte, as idéias sobre o socialismo extremo a dominarem a sociedade, com um governante onipresente à frente, domínio de pensamento e controle de ideologias ganharam vida com o nome de *1984 – A Era do Grande Irmão*. O título é um trocadilho: 1984 é o ano de composição da obra com os dois últimos algarismos invertidos. Ou seja, na verdade, George Orwell escreveu sobre uma sociedade futurista quase destruída por guerras nucleares e controlada por uma ditadura totalitarista no período pós segunda guerra mundial, onde o mundo foi dividido em zonas de influência pelos países Aliados, definidos pela Conferência de Potsdam e o comunismo da antiga URSS era visto com bons olhos, situação que originou a Guerra Fria. O livro seria o resultado de 36 anos à frente se os desdobramentos do presente continuassem como ele imaginava quando o escreveu. Para nossa sorte, a maioria das adivinhações pessimistas não se concretizaram até o momento. O que se espera de um romance não são previsões, como bem disse o próprio Orwell, mas a intenção do escritor desde o princípio não era acertar com exatidão os desdobramentos dos acontecimentos finais de sua vida, mas sim, deixar um aviso para futuras gerações. (apud BONALUME NETO, 1984). Na distopia *orwelliana*, o mundo fora dividido em três grandes nações: a Oceania, onde acontece a narrativa, a Eurásia e a Lestásia. Os três grandes conglomerados estão consecutivamente em guerra, uns contra os outros, e o resto do mundo é objeto de disputa entre os grandes blocos. A sociedade oceânica era composta por três seguimentos: a elite do partido interno, a classe média do partido externo e a baixa, chamada de prole. O líder supremo da Oceania

é a figura mitológica conhecida como *Grande Irmão*, representante do Partido Socialista Inglês (*Ingsoc*) que domina a Oceania, inspirado também em Stalin, como no livro *A Revolução dos Bichos*. Mas a repressão intelectual que é o alicerce de controle social fica por conta da Polícia do Pensamento. Utilizando as *teletelas*, equipamentos que captam e recebem imagens, sons e expressões simultaneamente, semelhantes à monitores de televisão, os membros da Polícia do Pensamento podiam vigiar o comportamento dos usuários e coibir ações indesejadas. Utilizando comportamento dogmático para disseminar lemas dialéticos como *guerra é paz* e *liberdade é escravidão*, o Ingsoc controlava pensamentos, utilizando uma nova linguagem resumida denominada *Novilíngua*, onde palavras ganhavam novos significados e idéias que não interessavam ao partido deixavam de existir, fazendo a incoerência predominar. Winston Smith, protagonista da trama, é um funcionário encarregado de alterar a história nos jornais antigos, função que pode ser descrita como reescritor do passado, tornando a realidade ortodoxa do ponto de vista do partido. Enquanto desempenha seus afazeres, como alterar previsões não cumpridas, metas governamentais não alcançadas e apagar *personae non gratae* do Partido, Winston percebe o quanto é peculiar sua obrigação e começa a questionar o sistema, fazendo uma revolução-de-um-homem-só dentro da própria mente. Ao se rebelar, o personagem percebe o quanto é poderosa a estrutura por detrás do mundo que vive, o quanto um sistema pode ser persuasivo e como a individualidade é engolida pela força da massa meramente contemplativa, quando a opinião de um só indivíduo não faz mais diferença alguma.

Eric Arthur Blair, o homem por trás de George Orwell, nome de um rio da Inglaterra, faleceu no dia 21 de janeiro de 1950 com 46 anos, deixando viúva Sonia Orwell, sua segunda esposa. Na lista de criação deixada por Orwell consta, além de seus livros, 750 textos, entre ensaios e artigos, escritos sobre os mais diversos assuntos, e duas obras completas que foram propositalmente destruídas num acesso de raiva do autor no período de mendicância. O escritor solicitou antes de morrer que não fossem feitas biografias sobre sua vida, pois suas obras já continham relatos pseudo-biográficos sobre sua existência.

2 O Pensamento Comunicacional de Orwell

Acompanhando a vida do escritor, a relevância de Orwell para o campo das Ciências Políticas é evidente, contudo, analisando as principais obras, encontraremos as ligações entre o romancista e o Jornalismo. As obras *1984* e *A Revolução dos Bichos* apresentam a comunicação como um dos temas centrais, assim como a política e a sociologia. Não há como separar o pensamento comunicacional de George Orwell das influências políticas do período que o escritor presenciou. Tais idéias coexistiram e praticamente nasceram por decorrência uma da outra. Qualquer discurso inflamado sobre política caminha ao lado da razão lógica da comunicação, que é a influência. Partidos que sonham com conquistas tem consciência que precisarão da comunicação como meio de controle de alguma forma ou em algum momento. O objetivo básico da comunicação, por mais ingênua que seja, é ser entendido e afetar de alguma maneira a percepção do receptor acerca do que foi transmitido. Segundo John Thompson (1973, p. 26): “toda afirmação de fato, apesar da forma como foi expressa, é uma afirmação de suas inclinações e uma tentativa de sua parte de influenciar e, assim, controlar de algum modo o comportamento de outras pessoas, coisas ou acontecimentos”. Dessa maneira, é saudável encarar a comunicação não como algo pernicioso, mas sim necessário, já que é de sua lógica ser transformadora e mediadora de acontecimentos cotidianos e/ou históricos. (Ibid., 1973).

George Orwell foi jornalista de rádio na British Broadcasting Corporation (BBC), editor literário e articulista dos jornais *Tribune* e *Le Monde*, além de crítico da Revista *New Adelphi*. Conhecendo o trabalho de comunicador, Orwell tinha noção da influência que qualquer jornalista exerce, mesmo na crítica mais inocente disseminada nos meios de comunicação de massa. Contrapondo a maioria dos críticos de sua época, que não apresentavam honestidade intelectual, o escritor (apud BONALUME NETO, 1984, p. 10) assumia que: “toda arte é propaganda”. Contrário à persuasão, George Orwell se mostrou um crítico ferrenho contra a influência dos *media* em apoio aos sistemas de governo. Segundo Orwell (Ibid., p. 9): “toda propaganda é mentira, mesmo quando conta a verdade”. Pois uma das principais características dos sistemas totalitários é o monopólio da comunicação pública e social para disseminação de ideologias oficiais monopolizadoras com

objetivos transformistas, segundo Brzezinsky e Friedrich. (apud BERNOST, 1999). Apoiado nos ideais marxistas, o pensamento comunicacional de Orwell se apresentava contrário à tirania dos meios de comunicação na influência da audiência homogênea, denominada pelos teóricos como a massa. A persuasão ideológica das classes dominantes gerava mal-estar no visionário que, por conhecer o sistema por dentro, abominava a passividade e o pacifismo da sociedade, características foram criticadas de maneira ferrenha em *1984*. Além de encarar a informação como um produto proveniente da indústria cultural, Orwell alerta para os perigos da comunicação social nas mãos de instituições definitivas, como os grandes conglomerados de entretenimento que controlam grande parte do conteúdo informativo e intelectual da atualidade, considerados definidores primários de opiniões e de verdades absolutas. Ao fazer críticas de livros nos periódicos que trabalhava, Orwell era sincero o suficiente para admitir que seus próprios artigos são, também, experiências estéticas que influenciam os leitores, e que a cultura é formada por essa rede de persuasão que flutua entre o que é e o que não é divulgado pela mídia.

É fundamental ter noção das atitudes que podem desencadear pensamentos e ações dos que trabalham com comunicação social. Quando um só indivíduo pode, ou não, representar toda a diferença, como é implícito no caso do romance inglês, a opinião da maioria transforma-se num manto que cobre nossa existência e rotula todo um grupo na tentativa de homogeneizar os seres. Conforme se comprova em algumas teorias da comunicação, a função de unificar pensamentos e pessoas fica a cargo da comunicação social, com seus ufanismos, estética e regras de conduta. A negação do individualismo e do conhecimento sofre processos semelhantes aos da lavagem cerebral que acontecia na sala 101. A inspiração para o número veio da mesma sala que Orwell trabalhou na BBC, na seção indiana de serviço oriental, de 1941 a 1943. Nesse período, o escritor (apud BONALUME NETO, 1984) tentou “desinfetar” a propaganda inglesa disseminada da rádio estatal e sentiu perder dois anos de sua vida em tal empreitada. Considerar que o ser humano é suscetível, de forma mais ou menos intensa, a tais manipulações é a motivação necessária para se entrar a fundo nas questões de comportamento e comunicação.

O mundo distópico de Orwell em *1984* apresenta um universo perfeito para manipulação, já que todos os indivíduos formam uma massa homogênea que se alicerça no senso comum. Condizente com essa observação, é importante ter noção

de que a Opinião Pública, na vida real, é um assunto controverso e inesgotável, independente de quanto o discutimos. O fato do conceito se transformar constantemente através dos anos agrava a dificuldade em se definir um termo definitivo. Para estudar a opinião da sociedade é necessário ter conhecimento interdisciplinar que envolve Sociologia, Psicologia Social, Teorias da Comunicação, Ciências Políticas entre outras. Refletir sobre Opinião Pública nos remete quase que instantaneamente à atitude da maioria, do público. Para Monique Augras (1974), a opinião é um fenômeno social, inexistente individualmente e só faz sentido em relação a um conjunto de pessoas. Ela é um dos modos de expressão e difunde-se utilizando redes de comunicação do grupo. Considerando essa premissa, onde se encaixa o indivíduo na opinião pública? Os formadores de opinião têm uma importância peculiar em nossa sociedade, já que as notícias por si só não são suficientes para que as idéias se confrontem, e assim, cada indivíduo é livre para ter seu entendimento da situação. Orwell acreditou nessa vertente enquanto serviu na guerra na Espanha, ao lado dos revolucionários espanhóis. Seus ideais socialistas eram libertários não só a respeito do que correspondia à organização social, mas também às manifestações que representassem toda e qualquer forma de livre expressão. Durante algum tempo Orwell cultivou essa linha de pensamento utópica sobre o socialismo ideal.

Porém, e no caso da mídia ser tão importante para conservar as estruturas governamentais já estabelecidas que a presença de um formador de opinião imparcial fosse inconcebível? Incapaz de acompanharmos todos os acontecimentos que nos rodeiam, precisamos da intermediação dos que nos contam o que não presenciamos. Esta é a principal função do jornalismo: narrar os fatos que são mais importantes para a sociedade. Dessa maneira, Orwell presenciou a história sendo filtrada e reescrita, no momento em que Stalin não era mais vinculado ao expurgo do comunismo e nem visto mais como um “assassino repugnante” por ter se aliado à Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial. (BONALUME NETO, 1984). Vendo suas crenças colidirem contra o “mito soviético” que se instaurava e os meios de comunicação reconstruindo o passado diante dos seus olhos, George Orwell perdeu a fé na credibilidade do que é noticiado pelos *mídia*, criando o lema: “Ignorância é Força” para 1984. Interessante constatar que não há prejuízo em rotular a profissão de Winston como editor de informação, pois apesar dos fatos se passarem no pretérito, a modificação do passado assume caráter legítimo e recente. Afinal, se a

falsificação serve para atualizar o presente, todas as informações do contexto passam a ter a mesma validade e importância da notícia atual até que ela seja alterada futuramente.

Segundo Walter Lippmann (1922), os *media* são a principal ligação entre os acontecimentos no mundo e as imagens que as pessoas formulam acerca desses acontecimentos, antecipando-se ao surgimento da teoria do agendamento, que postulava um poder dos meios de comunicação mais incisivos. Considerando essa premissa de Lippmann, expressa em seu livro *Opinião Pública* de 1922, temos uma idéia sobre a inspiração de sociedade totalitarista ajudada pela mídia para conservação dos poderes institucionais que George Orwell descreve no livro *1984*. Quando a história escrita sobre um determinado período da sociedade é baseada somente em fontes oficiais, os meios de comunicação de massa ganham importância até então não imaginada. Para se escrever e se verificar a história, temos como base de dados para pesquisa livros da época, arquitetura, relatos, museus e objetos arqueológicos e cartas que buscam resgatar a memória de um tempo, além dos jornais e revistas publicadas na época investigada. Mas, no romance *1984* de Orwell, não era permitido resgatar a memória de maneira nenhuma; livros e revistas eram controlados e reescritos, era comprometedor carregar papéis em branco, relatos de pessoas mais velhas eram desconsiderados e até quadros de locais antigos eram desqualificados pelas novas funcionalidades que possuíam no presente.

Na segunda metade do século 19, surgiu a imprensa popular na sociedade norte-americana, acompanhando uma época de rápida transformação, agitação e transição. Neste dramático tempo de evolução da imprensa, o “jornalismo amarelo” nasceu. A tiragem era o grande chefe desse tipo de jornalismo, que teve de criar e institucionalizar os códigos básicos que iriam regulamentar suas responsabilidades junto ao público que servia, bem como colocar certos limites ao tipo de conteúdo que oferecia. Em seu livro *Teorias de Comunicação de Massa*, Melvin L. de Fleur (1971) define o “jornalismo amarelo” como “uma espécie de jornalismo gritante, espalhafatoso, sensacionalista e estabonado que iludia o leitor de todas as maneiras possíveis... Pior do que tudo, em lugar de fornecer aos seus leitores uma liderança construtiva, oferecia-lhes um paliativo para o pecado, para o sexo e a violência”. Neste sentido, o escritor prenunciou o sensacionalismo que impera no jornalismo atual, exemplificando o “jornalismo amarelo” pela difusão de entretenimento

escatológico feito pelo Ministério da Verdade em 1984. No primeiro capítulo, Orwell (2005, p. 11) narra a experiência de Winston no cinema dessa forma:

Público muito divertido com cenas de um homenzarrão gordo tentando fugir nadando dum helicóptero, primeiro se via ele subindo descendo nágua que nem golfinho, depois pelas miras do helicóptero, e daí ficava cheio de buracos o mar perto ficava rosa e de repente afundava como se os furos tivessem deixado entrar água. público dando gargalhada quando afundou.

O relato segue com o assassinato de uma mãe com uma criança no colo, bombardeados pelo helicóptero, o público reage com a mesma euforia, pois a violência era um paliativo comum para dar vazão à frustração de viver numa sociedade controlada. Além de incitar a violência explícita com *Semanas do Ódio*, enforcamentos públicos, exacerbando a rivalidade entre a Lestásia ou a Eurásia, dependendo de que país estivesse em guerra com a Oceania, o Ministério da Verdade também apagava personagens indesejados da história, usando os jornais para legitimar o que fosse alterado no passado, controlando a população da Oceania com falsas informações.

O caminho percorrido pela comunicação vai além da transmissão satisfatória da mensagem do emissor para o receptor. Para o processo se tornar completo, é necessário o retorno, consciente ou inconsciente, do receptor para o emissor. Segundo John Thompson (1973, p. 26):

Todo comunicador é um agente de mudança. Conseqüentemente, todos somos modificadores em potencial. Alguns são mais bem sucedidos. Se você é capaz de captar o significado de toda pessoa e de tudo se esforçando para mudar e ser mudado por todos e por tudo mais, você terá compreendido o que significa escola, cultura ou sociedade dinâmica.

No conto, meios de comunicação, no formato de *teletelas*, eram onipresentes e forneciam informações falsas sobre guerra, sobre a economia, resultados falsos e exorbitantes dos prêmios de loterias. Os transmissores audiovisuais de Orwell representam o meio de comunicação ideal, que serve não só como canal de entrada, mas também de retorno, estando em todos os lugares ao mesmo tempo. Logicamente, havia falha na estrutura de mensagens disseminadas pela mídia, tanto que a idéia de uma resistência tomou conta do personagem principal. Os Efeitos Limitados explicados por Mauro Wolf (2003) em seu livro *Teorias das Comunicações de Massa* abordam de maneira superficial a idéia de interação, um dos principais fatores de ineficiência dos efeitos nas mensagens de comunicação:

Os efeitos não são automáticos nem mecânicos e, no entanto, permanecem possíveis e significativos, se os fatores que os podem anular são bem conhecidos. Os estudos em campo explicitam, em contrapartida, a pouca relevância dos meios de comunicação de massa em relação aos processos de interação social.

Ou seja, estão mais susceptíveis aos meios de comunicação de massa os indivíduos solitários, por não poderem se comunicar e trocar experiências, característica semelhante a todos os que faziam parte do partido externo do *Ingsoc* de 1984. Essa era uma das maneiras de controlar a sociedade no romance de George Orwell, evitando conversas francas e reuniões livres entre indivíduos. Ou seja, esse comportamento social apresentado por Orwell é ideal ao modelo da teoria hipodérmica. Felipe Pena (2005, p. 143) discorre sobre a relação estímulo x resposta imediata dessa maneira: “A teoria hipodérmica depende do isolamento dos indivíduos e de uma concepção de massa composta por pessoas que não se conhecem e têm poucas possibilidades de exercer uma influência recíproca”. Ao identificar a existência da teoria da bala mágica em 1984, devemos considerar os seguintes processos de comunicação de massa: atentar que tais processos são assimétricos, onde um emissor ativo produz estímulos a receptores passivos; a comunicação é intencional, orientada para atingir um objetivo observável e susceptível a uma mudança de comportamento; os efeitos dizem respeito a destinatários atomizados, isolados, onde as relações interpessoais são consideradas irrelevantes. (WOLF, 2003). Essa ausência de privacidade, que impedia o livre diálogo entre indivíduos, era o braço direito que, junto com o membro esquerdo formado pelos meios de comunicação de massa, formavam a estrutura de controle do *Ingsoc*. Orwell, nesse ponto, demonstrava ter conhecimento dos fatores sociais e culturais da comunicação de massa, criando um universo propício para a manipulação indiscriminada.

Outro viés que castra e aprisiona a sociedade de 1984 é a censura, tão necessária e invisível ao mesmo tempo. O fato do próprio protagonista do romance ser um dos censores de informação do partido não deve alterar a percepção do contexto, onde a mídia radical trama e censura acontecimentos, notícias e debates. As alterações das notícias velhas e contraditórias chegam para Winston pelo tubo pneumático, o jornal é alterado pelo *falaescreve*, uma tecnologia que altera e pesquisa documentos por comandos de voz, reimpresso e queimado na fornalha, dando lugar a uma versão nova e condizente com as profecias do partido. A censura do período Stalinista, disseminada pela mídia radical repressora, provavelmente foi

fonte de inspiração para Orwell estruturar a comunicação de *1984*, considerando que: “Essa mídia não apenas deixa de realçar a capacidade do público de desenvolver seus poderes como na verdade a mutila, pois nem a reflexão crítica nem qualquer tipo de avanço na liberdade individual ou coletiva estão sob a mira de seu radar. E isso é fundamental”. (DOWNING, 2002, p. 136). Não muito diferente do que os editores vivenciam hoje, George Orwell demonstra, citando a censura, conhecer os filtros que uma informação passa de quando ela passa a existir até chegar ao conhecimento do público. Tal processo de seleção exemplifica falta de individualidade dos profissionais responsáveis pela informação, que prejudica o direito à informação da sociedade.

Pensando como um comunicador totalitarista nato, Orwell sabia que em alguns casos, as técnicas de persuasão não surtem efeito, e o que fazer no caso disso acontecer. O *duplipensar* de Orwell era uma técnica de retórica utilizada pelo Partido Inglês de *1984* que consistia na crença de idéias contraditórias e na alteração do passado como algo trivial. A maioria dos indivíduos da sociedade oceânica aceitavam tal proposição, mas como se certificar que os rebeldes acatariam tais contradições? Como regra básica das sociedades que utilizam censura, a tortura é o método suporte que acompanha a restrição da liberdade de expressão em situações onde é necessário reprimir pensamentos contrários ao sistema pré-estabelecido. No caso do romance de Orwell, a sala 101 era o ambiente transformador que dava ao partido credibilidade necessária, semelhante aos porões da ditadura militar brasileira. O desaparecimento de figuras contrárias ao sistema totalitário e a queima de arquivo também são fatos comuns entre a ditadura militar no Brasil e *1984*.

O poder da comunicação, que influencia os contextos históricos de Orwell, é explícito em determinadas obras, em outras é recôndito, porém, sempre está presente. A estrutura do Ministério da Verdade é dissecada em *1984*, facilitando a identificação de fontes de influência como: as *teletelas*, as passeatas, as propagandas cinematográficas e os *dois minutos de ódio*. Já em *A Revolução dos Bichos*, os discursos de Garganta, o leitão porta-voz, e os *Sete Mandamentos do Animalismo*, pintados na parede do celeiro e alterados constantemente, dão uma idéia superficial de quanto os tiranos e déspotas necessitam da comunicação para manipular a opinião pública. Na fábula de Orwell, Garganta utilizava seu dom da oratória para legitimar as decisões de Napoleão, o leitão tirânico, mesmo quando o

déspota tomava alguma decisão que ia de encontro ao interesse dos demais súditos. E a parede com os mandamentos dos animais servia como uma Constituição afixada num outdoor, pois não bastam as leis serem alteradas e instituídas se os que necessitam segui-las não tomarem conhecimento das mesmas. Ratificando esse pensamento, Jorge Pedro Sousa (2000, p. 162) cita em seu livro *As Notícias e os Seus Efeitos* como o surgimento da imprensa contribuiu na organização da sociedade: “[...] a imprensa (mais) rapidamente informava as pessoas do que acontecia num país e a burocracia possibilitava não só a chegada das mesmas ordens e instruções a todo território como também a partilha de direitos e deveres”. Com as constantes alterações dos mandamentos, os bichos, que não possuíam faculdades de memorização, não suspeitavam o quanto o discurso de Napoleão era incoerente. Não atentar para a nuance comunicacional da obra *orwelliana* significa não perceber até que ponto o ser pode ser corrompido e manipulado, gerando uma sociedade diminuta na expansão dos limites críticos e do pensamento, semelhante à prole contemplativa de 1984.

3 Os *Media* e o Pensamento Comunicacional

Para verificar se uma obra foi visionária à comunicação é necessário revisitar os principais acontecimentos no campo em questão. Dessa maneira, além das principais invenções que possibilitaram a integração entre seres humanos, é necessário citar as principais idéias que acompanharam o desenvolvimento de nossa forma de trocar informações. O estudo da comunicação não é algo que possa ser visto como um objeto próprio, por apresentar uma natureza epistemológica difusa. (SILVA, 2005). Assim, encarando o tema com sua devida complexidade, é possível enxergar sua interdisciplinaridade, buscando, dessa maneira, o estudo dos fenômenos, e não o conhecimento específico. Acompanhando as tecnologias que possibilitaram as interações interpessoais, é possível citar as idéias que nasceram com a criação dos meios de comunicação de massa, porém, não há como listar tais pensamentos como se fossem teorias ideais direcionadas. As escolas e teorias sobre comunicação surgiram como resultado de pensamentos conjuntos em sociologia, psicologia, antropologia, semiótica, entre outros, que convergiram para que se formasse a base do pensamento comunicacional. É necessário abordar as principais escolas e teorias da comunicação, pois elas acrescentaram novos pontos de vista para o tema em questão, mas não se faz obrigatória a explanação de todas as demais idéias que foram deixadas de lado por não apresentarem relevância significativa para serem mencionadas neste capítulo.

3.1 A História dos Meios de Comunicação

A retrospectiva que segue é composta por fragmentos de diversas obras que falam sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação, mas foi composta em grande parte por trechos do livro Comunicação – do grito ao satélite (história dos meios de comunicação) de Antonio Costella. No início, era somente um grupo primitivo que, por meio de gestos e sons, começou a se entender. Na troca dessas experiências, era necessário criar classificações comuns que representassem a mesma coisa para todos os indivíduos, assim, surgiu a linguagem. As imagens nos interiores das cavernas pré-históricas são consideradas o primeiro sinal de signo

escrito, já que o homem, dessa maneira, podia reproduzir, pelo desenho, imagens do cotidiano. Desenvolvida a escrita, variadas substâncias foram utilizadas como superfície de fixação de conteúdo, tais como madeira, metais, folhas de árvore, barro cozido e pedras. Das técnicas que necessitavam mão-de-obra para confecção, a primogênita foi o papiro, desenvolvido pelos egípcios. De origem animal, o pergaminho substituiu o papiro como meio de sustentação de idéias. Fabricado com pele curtida de animais, geralmente de carneiros, os primeiros relatos de utilização do pergaminho datam o século dois antes de Cristo.

Depois de aprimoradas a escrita e superfície, mesmo de maneira mais básica, foi possível a criação do que conhecemos hoje como livro. Com o advento do livro, foi possível estabelecer confiança nos relatos que até então ganhavam significados e formas diferentes a cada vez que se propagavam. Num texto definitivo, versões de narrativas mitológicas ganhavam versões oficiais, como o *Novo Testamento* judaico-cristão, *A Odisséia* grega e o *Corão* árabe, o que podia garantir as tradições de cada cultura. O livro é tido como o primeiro meio de comunicação de massa criado pelo homem, tendo a sua disponibilidade estendida com criação de bibliotecas desde os tempos antigos.

Se as origens da linguagem e do livro são fáceis de serem mapeadas, a do jornal é um tanto quanto controversa. A definição utilizada por Antônio F. Costella (2001, p. 18) exemplifica como jornal: “Toda e qualquer publicação dotada de atualidade, periodicidade e variedade de matéria, pouco importando seja ela tipografada ou não, seja impressa ou não”. Com base nessa afirmação, há historiadores que consideram os babilônios os precursores dos diários de informação, por essa sociedade apresentar figuras conhecidas como historiógrafos, que eram pessoas responsáveis por descrever os acontecimentos mais importantes do cotidiano. Já os romanos utilizaram da comunicação mural, onde uma tábua branca, chamada *album*, servia como um quadro de avisos para que o povo romano pudesse ler as informações governamentais e matérias sobre temas variados. Considerando a periodicidade das publicações e dos temas abordados, é correto confirmar a existência de uma entidade jornalística no período imperial romano. Com a escassez do papiro, o alto preço do pergaminho e a retenção do papel no território chinês e árabe, a necessidade da Europa da Idade Média se comunicar cresceu, possibilitando o surgimento dos primeiros jornalistas sem jornal, fisicamente falando. Os jograis, ou trovadores, foram os responsáveis durante algum tempo pela arte de

coletar e disseminar informações em meio à vida social e comercial, utilizando apenas a voz e o verso, processo audiovisual semelhante ao disseminado pelos radialistas e telejornalistas de hoje.

Além da criação do papel, outros dois fatores foram determinantes para a revolução da mídia impressa: a invenção da tipografia e a evolução do sistema de correios. Tipografia significa basicamente utilizar uma técnica para imprimir sinais gráficos, com tinta, pelo uso de tipos móveis. A China, precursora na invenção do papel, também saiu na frente no que diz respeito à tipografia. Já no século V, os asiáticos utilizavam carimbos com tinta na superfície de papel, produzindo além de livros, cartas de baralho e papel-moeda. Entre 1452 a 1456 foi produzido o relato mais importante da tipografia antiga, com 642 páginas, a “Bíblia de Gutemberg”, que tem o nome do inventor por ter idealizado e começado o processo de impressão, teve a tiragem de duzentas cópias, sendo que, hoje, somente 48 sobreviveram intactas ao tempo. Como no caso dos registros escritos, o correio também engatinhou nos primórdios, teve seu período obscuro na Idade Média, mas ressurgiu no *mercantilismo*. Com o crescimento do comércio na Europa, era fundamental integralizar a comunicação, inclusive com o Oriente, nova rota de navegação que se abriu no período de expansão marítima. De um mensageiro que levava uma só correspondência, o sistema evoluiu para vários mensageiros e várias rotas pré-estabelecidas percorridas com frequência, e culminou na criação da primeira empresa de correios do mundo, em 1305, com sede em Veneza. Além de levar informações sobre o comércio, os correios eram o meio de comunicação dos jornais manuscritos que circulavam naquele período. (COSTELLA, 2004, *passim*).

O jornal impresso foi introduzido na sociedade somente por volta de 1600. Sendo ele a união entre o jornalismo manuscrito, que existia até então, e a fabricação de cópias em grande escala, decorrentes da tipografia, inventada um século e meio antes dos diários. Carlos Rizzini, o principal historiador da imprensa, elegeu como o primeiro jornal tipografado o “*Noviny poradné celého mesice zari léta 1597*”, traduzido como “Jornal completo do mês inteiro de setembro de 1597”, que tinha periodicidade mensal.

Morosas foram as descobertas no campo comunicacional até o advento da energia elétrica. Segundo bem observou Antonio F. Costella (2004, p.93): “Aldous Huxley disse que o mundo moderno inventou um novo vício: a velocidade”. Telégrafo, rádio, televisão e informática foram criações nascidas da possibilidade

energética, que não tardaram serem descobertas uma após a outra, se comparadas ao período dos primórdios da comunicação até o desenvolvimento da tipografia. Somos gratos à Thomas Edison, que viveu de 1847 a 1931 e desenvolveu a capacidade de gerar energia elétrica com a utilização de máquinas. Assim, o telégrafo passou da utilização mecânica, que já existia desde 1793 na França, para a elétrica em 1836 na Alemanha, expandindo sua capacidade de transmissão. Com a utilização da telegrafia, que significa escrever de longe, unida ao desenvolvimento de comunicação universal chamado Código Morse, as primeiras agências de notícias foram inventadas no século XIX, onde todos os continentes puderam ser ligados pela mesma tecnologia de transmissão de dados, que por vezes rompiam territórios por terra e por outras por mar, com encanamentos submarinos. Como curiosidade, vale ressaltar que o terceiro cabo transatlântico para utilização de telegrafia foi lançado em Londres por Paul Reuters, o criador da agência “Reuters”, em 1849. O intervalo entre a larga utilização do telégrafo até a invenção do telefone representou, em proporção, um segundo na história da comunicação da humanidade. Já em 1876, Graham Bell solicitou a patente pela invenção do aparelho telefônico nos Estados Unidos.

Com o advento da energia elétrica o primeiro modelo de captação de imagens e retransmissão que se tem idéia foi a criação do cinema. Em 22 de março 1895, o parisiense Louis Lumière, conhecido como o inventor do cinema mudo, direciona pela primeira vez o olhar dos espectadores para a um ponto de luz fixo no escuro. A primeira representação pública de seu cinematógrafo projetou a saída de trabalhadores de uma fábrica, no filme-reportagem intitulado: *A Saída da Fábrica*. Lênin, na época da Revolução Russa já tinha noção da força da propaganda cinematográfica e afirmava: “De todas as artes, o cinema é para nós a mais importante. Deve ser e será o principal instrumento cultural do proletariado”.

A telegrafia, além de servir de inspiração para a criação da telefonia, também tem sua participação na criação da radiodifusão. Durante as décadas de 10 e 20 do século XX a telegrafia sem fio reinou no que diz respeito à comunicação. Porém, por volta de 1920 a radiodifusão, por meios hertzianos, substituiu a utilização das frequências que antes conectava as pessoas pelo som monossilábico dos telégrafos e seus códigos intraduzíveis para leigos. O norte-americano Lee de Forest foi o precursor do uso da radiodifusão, e em 1916 garantiu seu nome na posteridade apresentando o primeiro radiojornal da história, onde transmitiu boletins de sua

estação experimental em Nova Iorque. A crise econômica americana de 1929 também serviu de catalisador para a maciça entrada do rádio na sociedade norte-americana, já que os jornais e revistas perderam metade dos anunciantes, o rádio dobrou os seus. Esse crescimento durou até 1950, quando o principal rival do rádio surgiu: a televisão.

As primeiras transmissões televisivas datam 1927 nos EUA. Porém, a estrutura de transmissão de imagens em movimento só foi desenvolvida definitivamente entre 1935 a 1940. As transmissões iniciais eram de caráter experimental, já que não havia público expectador real. Com o início da Segunda Guerra Mundial, as transmissões foram diminuídas, dificuldade que o rádio também enfrentou durante o período do primeiro grande conflito. Em 1948, após o fim da Guerra, as emissoras americanas passaram de 17 para 108 emissoras. Na Europa, o público levou certo tempo para se consolidar, considerando o número reduzido de emissoras existentes devido ao monopólio estatal das telecomunicações instituído nos países europeus.

Pioneiros nas transmissões em televisores coloridos em 1953, os americanos também ingressaram no campo da comunicação via satélite primeiro que os outros países. A primeira transmissão radiofônica via satélite que rompeu o silêncio espacial foi um comunicado natalino do então presidente estadunidense Dwight Eisenhower em 1958 e a primeira transmissão televisiva global foi o pouso lunar da Apollo 11 em 1969, deixando os estadunidenses à frente dos soviéticos na corrida espacial.

Com a invenção do computador e da telemática, tecnologia fruto da união entre as telecomunicações e a informática que permite que o computador possa trocar dados com outros computadores por meio do telefone, a revolução da informação que autores como Aldous Huxley, H.G. Wells e George Orwell previram finalmente pode acontecer. Das agências do Departamento de Defesa Americano, foi desenvolvido um sistema de funcionalidade militar criado no final da década de 1950 para que as comunicações não se tornassem tão centralizadas num só lugar. Assim, surgiu a ferramenta mais maleável de transmissão de informação do século XX: a internet. Demorou aproximadamente trinta anos para que a utilização militar se transformasse na democratização social. O marco dessa união de informações globais e do galopante crescimento dos internautas aconteceu com a criação da World Wide Web (WWW), que no início dos anos 90 contava com 90.000 usuários, e

já na virada do milênio estimou-se 300 milhões de usuários interligados no mundo todo.

3.2 Vertentes do Pensamento Comunicacional

Após abordar historicamente os principais meios de comunicação, faz-se necessário listar os principais pensamentos que surgiram em decorrência dos adventos que transformaram a forma como o ser humano se comunica. É possível separar em três grandes blocos as tendências teóricas no campo da Comunicação, conforme Luis Martins da Silva (2005) detalhou em seu livro *Teorias da Comunicação do Século XX*. Tal distinção foi feita, separando as três principais escolas de pensamento: os filósofos da teoria crítica, representantes da Escola de Frankfurt; os empírico-funcionalistas da Escola de Chicago e os culturalistas da Escola de Birmingham. A dissidência pode ser explicada também pela caracterização de pensamentos distintos, semelhante à classificação entre Apocalípticos e Integrados de Umberto Eco. O livro que coloca a cultura de massa em julgamento define os apocalípticos como, em suma, aqueles que acusam os *mass media* de disseminarem visões conformistas e passivas. Essa visão pessimista exclui a possibilidade de formulação da cultura genuinamente popular, já que o processo de criação é imposto de cima para baixo. A persuasão, no caso, é a força motriz que une a informação e o entretenimento na mesma embalagem, classificando a informação como bens de consumo. Já os integrados ficam por conta de defender os *mass media*, afirmando que, de uma forma ou de outra, o público é inserido no processo que define a produção cultural. Para eles, o cidadão está constantemente inserido no contexto de formulação, por que a cultura de massa é própria da democracia popular, onde a uniformidade de gostos se torna uma maneira de homogeneizar as classes sociais distintas. Finalmente, os integrados admitem que os meios de comunicação de massa realmente são estilísticos e conservadores; porém, a causa maior para tal conformismo é justificada pelo desenvolvimento do pensamento acerca do universo, que não sugere critérios de discriminação, possibilitando a subversão cultural e o desenvolvimento das artes superiores. (ECO, 1993, *passim*). Com esse viés, as escolas de pensamento

comunicacionais podem ser classificadas entre pessimistas e otimistas, ou seja, apocalípticos e integrados, consecutivamente, com relação à abordagem aos meios de comunicação. Considerando essa classificação, segue a lista das principais escolas de pensamento comunicacionais, e das principais teorias da comunicação. Em seqüência, para que sejam aproveitados futuramente seus conceitos na análise da obra *orwelliana*, o resumo de quatro vertentes apocalíticas e seis integradas ou neutras:

3.2.1 Os teóricos críticos

Os pensadores conhecidos como teóricos críticos encaram os meios de comunicação como meios de poder e dominação, configurando assim uma “violência simbólica” para com a sociedade gerada pelo capitalismo moderno. A base *frankfurtiana* de pensamento foi formada em 1938, em grande parte por filósofos alemães do Instituto de Pesquisas Sociais do período Segunda Guerra Mundial exilados nos Estados Unidos, daí a origem do termo Escola de Frankfurt. No rol dos pensadores marxistas não ortodoxos *frankfurtianos* constam Max Horkheimer, Leo Löwenthal, Jürgen Habermas e Theodor Adorno. Contrários à idéia de “indústria cultural”, os teóricos críticos enxergam a produção em série da cultura como mercadoria homogênea para a manutenção do *status quo* da classe dominante. Nesse sentido, a idéia de “cultura de massa” também perde o sentido para os *frankfurtianos*, já que não é a massa que cria sua própria cultura e os bens culturais são desenvolvidos com finalidades econômicas buscando a padronização da opinião, do gosto e do comportamento. (SILVA, 2005). Conforme cita Roberto Elísio dos Santos (1998, p. 18): “A exploração comercial de bens considerados culturais reforça a dominação técnica imposta pelo sistema, gerando passividade”.

3.2.2 Os estudos de comunicação Latino Americanos

Antes da criação do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (CIESPAL), a pesquisa em comunicação na

América Latina não tinha adquirido o caráter de instituição como campo científico. Do início do século até 1973, a pesquisa comunicacional nos países latino-americanos eram atividades ocasionais; mas com o surgimento do CIESPAL, um efeito modificador transformou os estudos acríticos, descontextualizados e simplórios vinham sendo feitos para análises mais densas e críticas. Dois modelos de pesquisa ganharam importância fundamental no processo: os estudos de morfologia e conteúdo da imprensa e os estudos sobre o comportamento do público consumidor dos meios de comunicação, com a metodologia inspirada nas técnicas norte-americanas. (MELO, 1998). Segundo José Marques de Melo (1998), a tentativa de construções metodológicas alternativas para as análises latino-americanas esbarrou por diversas vezes na insuficiência epistemológica dos pesquisadores e conduziu a formas de militância política confundidas com inovações científicas. Enquanto isso, o acúmulo de conhecimento sobre os processos alternativos de comunicação aumentava e o cerne da questão não era abordado, que corresponde ao funcionamento da estrutura dos meios massivos, que tem inegável influência sobre os canais populares. Essa colocação deixam claros os principais desafios da escola de pensamento latino-americana: vencer o modismo que se traduz na importância dada a certos objetos que são pesquisados à exaustão e a imitação dos modelos teóricos das fontes internacionais de financiamento de pesquisas, que obrigam os pesquisadores a escolherem temáticas periódicas em função dos interesses matriciais dos países desenvolvidos. Apesar dos contratempos, a América Latina desponta no quadro mundial de pesquisa em comunicação ao entender suas limitações e abordar a estrutura da informação no quadro integral, considerando o macrosistema da comunicação de massa controlado pelas multinacionais e corporações públicas e privadas, e abordando também os microsistemas de comunicação popular e alternativa, com suas intersecções e contradições.

3.2.3 Espiral do Silêncio

A socióloga Elisabeth Noelle-Neumann formulou esta teoria na década de 70. Segundo ela, a teoria segue o princípio que a característica da sociedade

humana é o medo do isolamento. Logo, os que acreditam possuir uma opinião contrária à da maioria se calaria com medo de represálias. A mídia adotaria o papel de formador primário de opinião, e a sociedade acreditaria fielmente no que ela diz. Os que teriam opiniões contrárias fariam parte de um grupo silencioso, que algumas vezes significariam a maioria do grupo, que teme emitir sua opinião já imaginando confronto de opiniões. Essa teoria foi comprovada numa pesquisa de intenção de votos, quando o candidato A aparecia como provável vencedor, mas quem ganhou as eleições no primeiro turno foi o candidato B. Assim, especula-se que os eleitores que votaram no candidato B não se pronunciaram e acabaram elegendo seu candidato. A teoria da Espiral do Silêncio é importante para o estudo da comunicação porque demonstra que a persuasão da mídia não é tão forte quanto se espera, e que a mensagem nem sempre chega da mesma maneira que se imagina para o receptor. O público é imprevisível e instável. (WOLF, 2003).

3.2.4 Agenda Setting

Desenvolvido por Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972, os pesquisadores americanos formularam a teoria do agendamento, porém, sua essência já pairava desde 1922. Os estudos, que comprovaram esse efeito em longo prazo, foram aplicados em períodos de campanhas eleitorais, daí sua importância no processo de formação da opinião pública. Durante a campanha eleitoral da pesquisa em questão, o candidato A foi diversas vezes tema de questões políticas positivas divulgadas pelos jornais, enquanto o candidato B não era citado com tanta constância. Dessa maneira, mesmo os *media* não formulando exatamente que opinião a população teria sobre o candidato A, ele logicamente era constantemente tema de debate entre os eleitores e ganhou fama dessa maneira. A teoria orbita, basicamente, em torno do poder que a mídia exerce sobre os temas debatidos pela população e não sobre a persuasão em si. É a hipótese de que a mídia por seleção, disposição e incidência de suas notícias determina os temas sobre os quais o público falará e discutirá. A teoria afirma que a mídia tem capacidade de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública, estabelecendo um pseudo-ambiente fabricado e montado pelos meios de comunicação. Cohen (apud WOLF,

2003, p. 143-144) afirma que a imprensa: “pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer às pessoas o que pensar, por outro lado ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa”. Assim como no exemplo dos eventos esportivos que são divulgados meses e meses antes de acontecerem, guerras e festivais também passam por tais processos de promoção.

3.2.5 Os empírico-funcionalistas

Utilizando de pesquisas empíricas, os estudos positivistas que representam a Escola de Chicago desde a década de 30 buscam estabelecer modelos e funções para a Comunicação. Inspirados pelas idéias comportamentais behavioristas no início do século XX, tais idéias estudam o processo de comunicação como uma ciência exata, buscando atingir o máximo de aproveitamento na transmissão entre Emissor e Receptor. O público é encarado como massa liberal, e a teoria hipodérmica é amplamente debatida, considerando os efeitos de longo prazo. Harold Lasswell, um dos estudiosos dos processos de comunicação, desenvolveu o processo onde as seguintes perguntas deveriam ser respondidas: quem? diz o que? através de que canal? para quem? com que efeitos? Esse processo comunicativo foi batizado de *communication research* e serviu de base para vários pesquisadores adentrarem no universo dos efeitos e conteúdos dos meios de comunicação de massa. (SILVA, 2005). Tomando como objeto de estudo as mensagens, os teóricos positivistas objetivaram aferir o alcance dos meios de comunicação junto ao público e posteriormente analisaram a influência desses meios no comportamento das massas e seu nível cultural, investigando também a utilização política dos meios de comunicação. (SANTOS, 1998).

3.2.6 Os estudos de Recepção

Os pesquisadores que tem como objetivo encontrar nexos entre os meios de comunicação e as audiências existem desde os anos de 1940, quando Lazarsfeld,

ao estudar os efeitos da influência do rádio, tentou responder quais foram os benefícios, satisfações e usos concretos existentes através da experiência com este meio de comunicação. Desenvolvendo essa dinâmica, o pesquisador também buscou relações que vinculam tipos específicos de conteúdo e determinadas audiências. Na pesquisa sobre usos e gratificações, a audiência é vista como um conjunto de pessoas em contato com uma mensagem, em que o interesse recai sobre os níveis de duração da exposição, probabilidade de percepção, condições de contato, colhidos por instrumentos de medida tomados da psicologia experimental e social. Já no estudo de crítica literária, uma das correntes da análise entre *media* e audiência, o objetivo foi além ao tentar decifrar a experiência estética e cognitiva do leitor. Com o crescimento dos estudos culturais na década de 70, a reflexão da recepção nos meios não se ateve ao modelo reducionista dos efeitos, e entrou no universo da produção e da recepção da mensagem dentro de um quadro semiológico inspirado no marxismo, adicionando a devida complexidade ao processo de compreensão. Finalmente, considerando a abordagem cultural como fator predominante, é necessário considerar a influência do estudo de recepção na América Latina. (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002).

3.2.7 Os *cultural studies*

Os Estudos Culturais investigam, desde o início dos anos 30, a relação entre cultura e sociedade, buscando seus pontos em comum. Suas reflexões são direcionadas para várias áreas, como a etnografia e literatura, sendo que os estudos sobre os meios de comunicação e da indústria cultural representam somente uma parte dessa escola de pensamento. Os *cultural studies* não separam a cultura da sociedade, propriamente falando, e acreditam que as classes populares não aceitam automaticamente o que a classe hegemônica impõe, para eles a massa é capaz de desenvolver sua subjetividade. (SILVA, 2005). Os estudos culturais permitem um aprofundamento nos estudos de recepção, pois as características socioculturais da audiência fazem parte da análise da circulação das mensagens no íntimo de uma dinâmica cultural, e não mais da difusão. A diferença desse grupo de pensamento comunicacional para os outros é seu posicionamento sobre as teorias conspiratórias

de controle social por parte dos *mass media*. (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002). Para os teóricos da Escola de Birmingham as criações culturais, apesar de centralizadas, servem como agentes da continuidade social, considerando seu caráter complexo e dinâmico, invés de meramente residual e mecânico. (SILVA, 2005).

3.2.8 Os estudos de Semiologia e Semiótica

Roland Barthes (apud NETTO, 1980, p. 17) define a semiologia como: “ciência geral de todos os sistemas de signos através dos quais se estabelece a comunicação entre os homens”. É importante frisar que ao nos referirmos à signos, como Charles Sanders Pierce, o pai da semiótica moderna define, devemos entender tudo aquilo que tenta representar seu objeto e que deve tomar perfeitamente seu lugar em substituição. Semiótica, como J. Teixeira Coelho Netto (1980) cita, é a hierarquia cujos componentes admitem uma análise em classes definidas por relações mútuas, de maneira que essas classes admitem, por sua vez, uma análise em outros derivados. Resumidamente, semiótica pode ser traduzida como: “[...] a ciência que estuda as linguagens, todas as linguagens”. (FILHO, 2005, p. 18). A semiótica e a comunicação estão fortemente ligadas, basta considerarmos que a comunicação é algo que é intercambiado do emissor ao receptor com a utilização de signos e a ressignificação mútua. Ou seja, ao falar sobre corridas automobilísticas, a palavra “automóvel” já carrega em si sua significação, assim, excluindo a necessidade de demonstrar fisicamente o objeto em si.

3.2.9 A Escola Canadense

Os pensadores da Escola Canadense, entre eles, Marshall McLuhan e Harold Innis, começaram a notar, principalmente na década de 60, que era necessário analisar a comunicação enquanto tecnologia e não só seus efeitos. Um bom exemplo para compreensão é apontar o comboio e não as mercadorias transportadas o real diferencial na transformação da sociedade. A criação de novos

media alteram todo sentido da comunicação em si, que é baseada no tempo e no espaço. Assim, uma mensagem gravada numa pedra ganha durabilidade temporal, mas perde no sentido espacial, já que não pode ser transportada com facilidade. Em contraponto está a internet, que enquanto é instantânea, perde credibilidade temporal por ser virtual. McLuhan separou a história da humanidade de acordo com o desenvolvimento de formas distintas de comunicação, estas são: a cultura oral, o aparecimento da escrita, a criação da tipografia e a comunicação eletrônica, fator que transformaria o mundo numa “aldeia global”. (SOUSA, 2000).

3.2.10 Gatekeeper

Aplicado ao jornalismo desde 1950, o conceito do porteiro da informação foi disseminado por David Manning White, que estudou o fluxo de notícias dentro dos canais de organização dos jornais. A teoria, que privilegia a ação pessoal, se refere à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se bloqueia. O jornalista que serve como uma cancela é responsável pela morte ou pela disseminação da notícia. O selecionador toma suas decisões subjetivas e arbitrárias, baseadas em suas experiências e expectativas. Com o passar do tempo, a teoria do filtro individual perdeu espaço para os paradigmas da construção social da realidade. Novos estudos chegaram à conclusão que as escolhas do *gatekeeper* são mais influenciadas por critérios profissionais referentes à rotina de produção, à eficiência e à velocidade da notícia nas redações. (PENA, 2005). O mérito destes primeiros estudos foi, segundo Mauro Wolf (2003), de individualizar onde e quando a ação de filtro é exercida individual ou institucionalmente. Ampliando a abordagem da problemática, os estudos passaram do indivíduo para a análise dos contextos relativos à escolha das notícias em si.

4 Ignorância é Força

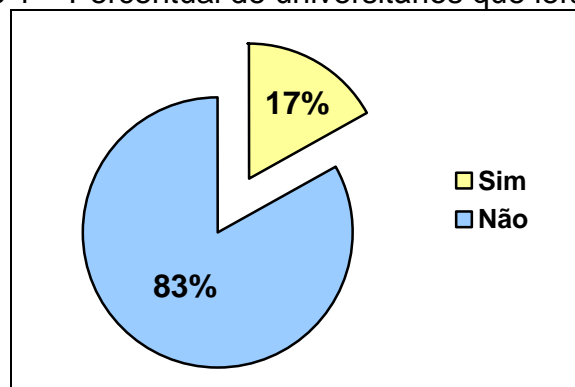
Para verificar a relevância de *1984* no campo acadêmico, de 29 de abril a 14 de maio de 2008 foram aplicados questionários a alunos universitários com grade curricular mais avançada. A pesquisa cobriu as instituições privadas: Centro Universitário Euro-Americano (UNIEURO); Centro Universitário UniCEUB; Faculdades Alvorada; Faculdades Integradas UNICESP; Faculdade JK; Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas (FACITEC); Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB); Universidade Católica de Brasília (UCB); Universidade Paulista (UNIP); e pública: Universidade de Brasília (UnB). A relação das dez instituições descritas foi retirada do site do Ministério da Educação (MEC) e abrange todas as faculdades de Jornalismo do Distrito Federal. Vale ressaltar que o número de questionários respondidos não foi elevado pois, em algumas instituições, o índice de abandono é alto, as turmas dos últimos semestres são separadas, os alunos quase sempre estão em trabalhos de conclusão de curso e a enquete tinha o caráter optativo.

Tabela 1 – Quantificação de Questionários das Faculdades

Instituição	Total de Respostas	Você já leu <i>1984</i> de George Orwell?			
		Sim		Não	
		Nº.s	%		%
Alvorada	04	00	0%	04	100%
FACITEC	28	06	22%	22	78%
IESB	10	01	10%	09	90%
JK	21	02	10%	19	90%
UCB	11	04	37%	07	63%
UnB	17	03	18%	14	82%
UNICESP	08	00	0%	08	100%
UniCEUB	22	06	28%	16	72%
UNIEURO	07	01	15%	06	85%
UNIP	31	04	13%	27	87%
TOTAL	159	27	17%	132	83%

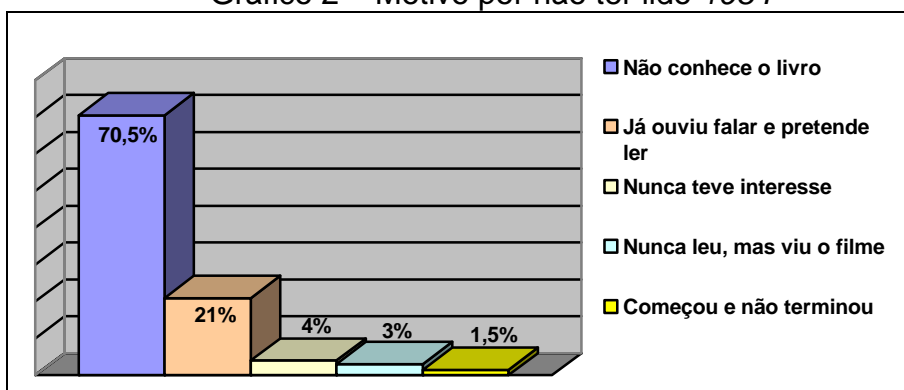
Considerando os dados acumulados na pesquisa de campo, denota-se que George Orwell não é visto com tanta importância pelas instituições de ensino de jornalismo do Distrito Federal, apesar de apresentar grandes contribuições para a comunicação, como foi comprovado na análise bibliográfica.

Gráfico 1 – Percentual de universitários que leram 1984



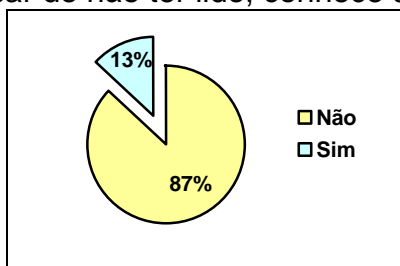
Além de verificar a incidência de Orwell nas faculdades, o questionário foi dividido em duas categorias com cinco perguntas distintas, visando aprofundar a opinião dos que responderam positivamente à indagação principal e dos entrevistados que desconhecem *A Era do Grande Irmão*. A primeira subpergunta para a maioria que não conhece a obra visionária de Orwell foi o motivo deles não terem lido 1984. Representando 70,5%, mais da metade afirmou que não leu porque não conhece a obra. Para 21%, o livro não era totalmente desconhecido e eles pretendem ler futuramente. O pesadelo *orwelliano* sequer despertou o interesse de 4% dos universitários, conforme comprovam os dados da enquete. O cinema tenta fazer sua parte na orientação dos que não leram o livro, correspondendo a 3% dos que ao menos assistiram a película 1984 de Michael Radford. Apenas 1,5% começou a conhecer o conflito entre Winston e o *Grande Irmão*, mas não chegou ao fim. O baixo índice de desistência comprova que o livro é interessante, apesar da temática densa e pesada.

Gráfico 2 – Motivo por não ter lido 1984



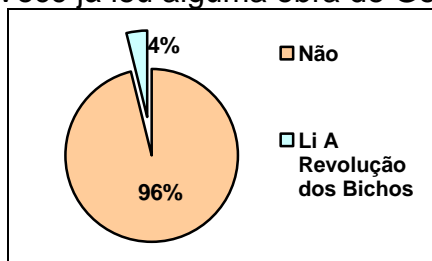
Compondo a somatória dos 100% dos que não leram o livro, 87% desconhecem completamente a temática do livro e 13% tem uma noção básica da distopia *orwelliana*.

Gráfico 3 – Apesar de não ter lido, conhece as idéias do livro?



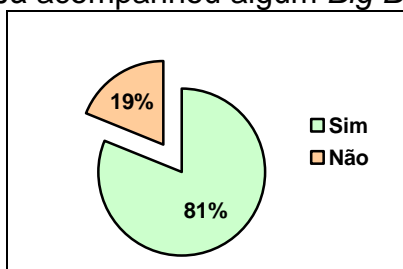
O conto *A Revolução dos Bichos* foi mencionado na pesquisa quando foi perguntado aos que não leram *1984* se conheciam outra obra de Orwell, porém, por apenas 4% dos entrevistados. A impopularidade do escritor anglo-indiano no meio acadêmico foi comprovada, pois 96% responderam que nunca leram George Orwell na vida.

Gráfico 4 – Você já leu alguma obra de George Orwell?



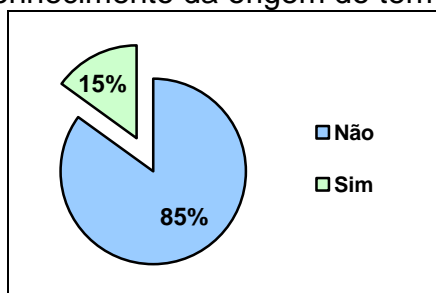
Ainda contabilizando os dados dos que não leram *1984*, 81% admitiram que, mesmo não conhecendo o *gêneses* da vigilância social, acompanharam alguma edição do programa *Big Brother Brasil* e 19% afirmaram que não ficaram reféns da atração global.

Gráfico 5 – Já acompanhou algum *Big Brother Brasil*?



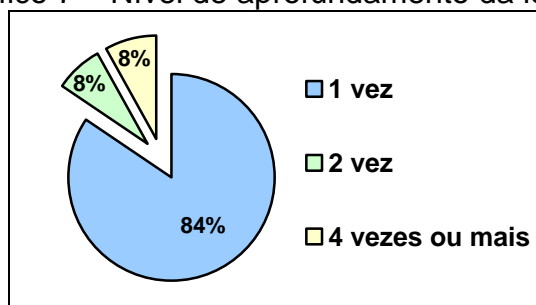
A última pergunta direcionada aos que não adentraram no universo de 1984 foi se, apesar de não terem lido a obra, eles tinham alguma idéia da origem do termo *Big Brother*. O alto índice de 85% se deve à união dos votos de estudantes que não conhecem de onde vem a expressão, dos que só conseguiram fazer relação com a tradução literal do termo e dos que só relacionam o *Grande Irmão* com o programa de televisão. Os 15% restantes apresentaram a referência correta.

Gráfico 6 – Conhecimento da origem do termo “*Big Brother*”



As duas primeiras perguntas que foram direcionadas aos que leram 1984 correspondiam ao nível de aprofundamento na obra. A primeira questionou quantas vezes os alunos tinham lido o livro e o índice de 85% apresentou que a maioria só leu uma única vez. Os que leram duas e quatro vezes empataram com 7,5%, enquanto ninguém respondeu ter iniciado e terminado a jornada de Winston e Julia pela terceira vez.

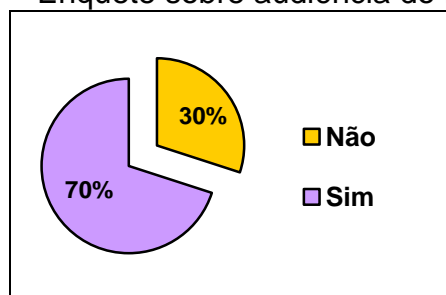
Gráfico 7 – Nível de aprofundamento da leitura



A segunda pergunta para os que disseram sim, foi argumentando se os futuros jornalistas tiveram curiosidade de conhecer a visão cinematográfica de Michael Radford no filme rodado em 1984, ano semelhante ao título da obra. A maioria, no caso, 70%, além de lerem o livro, também assistiram ao filme. Porém, a

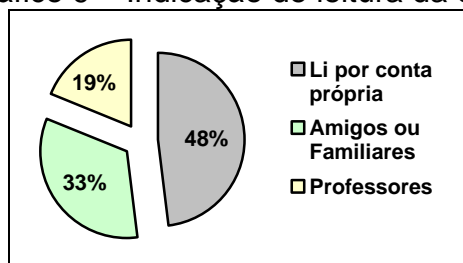
experiência cinematográfica de Radford sobre o totalitarismo da Oceania não despertou a curiosidade dos 30% restantes.

Gráfico 8 – Enquete sobre audiência do filme 1984



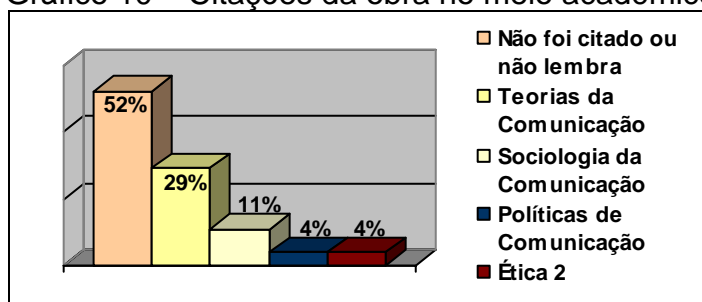
As três últimas questões feitas ao grupo do sim são o supra-sumo da pesquisa e essencial para responder sobre a relevância do livro no ensino de jornalismo. Quando questionados sobre quem indicou a leitura, os alunos responderam que 48% resolveram ler por conta própria. Enquanto amigos e familiares foram responsáveis por induzir 33% dos que puderam conhecer Orwell, somente 19% relatam que os professores da faculdade indicaram 1984.

Gráfico 9 – Indicação de leitura da obra



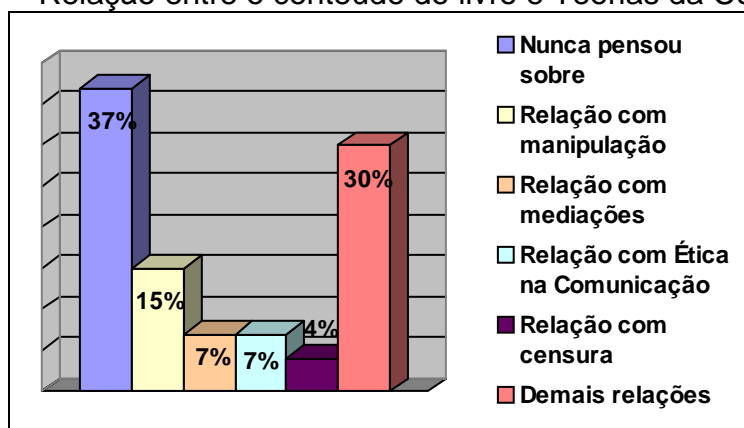
Em sala de aula, 52% dos estudantes responderam que não se lembram de 1984 ter sido citado, ou da obra de fato não ter sido mencionada pelos professores de ensino superior. Como era de se esperar, porém, não em tão pequena proporção, 29% confirmaram que o livro foi citado na disciplina de Teorias da Comunicação e 11% em Sociologia da Comunicação. As matérias Políticas de Comunicação e Ética dividem o percentual de 4%, totalizando as referências institucionais.

Gráfico 10 – Citações da obra no meio acadêmico



Por fim, foi questionado se os estudantes relacionaram a obra-prima *orwelliana* com alguma teoria comunicacional, processo semelhante ao objetivo geral desta pesquisa acadêmica. Para 37%, o futuro apocalíptico da sociedade oceânica não foi capaz de despertar o senso crítico. A relação com manipulação de informações do *Ingsoc* foi relatada por 15% dos leitores. Com 7%, os estudantes deixaram empatadas as relações do livro com mediações e ética na comunicação. A censura apresenta 4% das ligações feitas com questionamento social apresentado por Orwell, enquanto 30% fizeram relações do tema com: o conceito de comunicação de massa, a realidade da esfera pública atual, o crescente desenvolvimento da internet e a probabilidade do controle social se assemelhar ao totalitarismo esmagador.

Gráfico 11 – Relação entre o conteúdo do livro e Teorias da Comunicação



5 Orwell Atual

Ao dar início à análise de *1984 – A Era do Grande Irmão*, é imprescindível ressaltar que houve uma alteração nos interesses da classe dominante à partir de 1950. Desde o nascimento de Orwell até o momento de sua morte, consolidar politicamente a estrutura social do período conflituoso de guerras que o mundo enfrentava era a razão dos esforços de manipular a sociedade com a comunicação de massa. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os conflitos que vieram depois de 1950 já não apresentavam a problemática global de envolvimento entre nações, então, são vistas de maneira mais amena. Contudo, o capitalismo é, hoje em dia, a principal força alienante que alicerça os interesses dos que estão no poder. (SILVA, 2005). Essa mudança, porém, não altera em nada os estudos aprofundados em comunicação, pois, apesar dos fins serem diferentes, os meios continuam sendo os mesmos para que se atinja a dominância narcótica.

Considerando este ponto, dá-se início à análise que trará George Orwell para a atualidade, apontando características de *1984* na tecnologia, cultura e comunicação do cotidiano, além de apontar aspectos evolutivos futuros.

5.1 Referências Tecnológicas

Com base nos estudos da escola canadense, que chama atenção para a tecnologia nos processos informativos, seguem considerações sobre como a evolução tecnológica alterou e como modificará a comunicação na sociedade, e que têm, de certa forma, semelhança à obra de Orwell. Hoje a sociedade é capaz de identificar suspeitos de crimes e até captar a expressão facial dos jogadores de Las Vegas com a utilização de câmeras de vigilância. Ou seja, o universo de Orwell se concretiza depois de alguns anos de paranóia. No Distrito Federal já existe um projeto para implantação de câmeras de vigilância espalhadas pela cidade para limitar a ação de criminosos. A utilização da vigilância mecânica restringirá o comportamento não só dos criminosos, mas também o do cidadão de bem, exatamente como em *1984*. Este trecho apresenta bem o que é conviver com a vigilância e a perda de privacidade (ORWELL, 2005, p. 06): “Naturalmente, não

havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo”. Caso a lei determinasse que todos os domicílios do Brasil tivessem uma câmera de vigilância para impedir comportamentos ilegais e tal medida resultasse na queda brusca de pelo menos 50% dos crimes, valeria a pena? No caso da sociedade controlada de 1984, o cidadão que ia de encontro às normas impostas pelo partido era punido com a morte, tornando-se completamente controlado, sem liberdade. Ou seja, liberdade não é justamente o direito que temos de ir contra o que nos é estabelecido? Qual o sentido de confiarmos na tecnologia que restringe nosso comportamento e, quem sabe futuramente, limitará até nossa maneira de pensar.

Com o advento da internet foi possível o que muitos haviam sonhado há tempos atrás: as videoconferências. A teoria formulada por McLuhan, considerando os meios de comunicação como uma extensão dos sentidos dos seres humanos, encaixa na descrição de mútua emissão e receptividade de informação. Se você conversa com alguém no outro extremo do globo terrestre, é como se o telefone fosse uma extensão do seu ouvido. E assim, hoje qualquer computador pessoal, equipado com um dispositivo de captação de imagens e conectado à rede mundial de informação é capaz de transmitir sons e imagens quase que de imediato, de um lado a outro do mundo. A telemática, tecnologia abordada no capítulo que faz uma retrospectiva dos meios de comunicação, se assemelha bastante às *teletelas* profetizadas por George Orwell. Assim como no advento da televisão digital, que promete revolucionar a maneira como os telespectadores interagem entre si, a comunicação ganhará o canal de retorno mútuo, que servirá tanto para interligar os usuários quanto para medir as preferências da audiência. Imagine se, ou quando, os grandes conglomerados souberem o perfil de cada usuário e quanto tempo ele gasta em frente à televisão assistindo determinado programa? Com essas informações será possível formar um cadastro exato de preferências de cada telespectador, podendo sugerir produtos e serviços de maneira direta ou indireta. O único pecado que Orwell cometeu com relação ao funcionamento das *teletelas* foi sua incapacidade de visualizar a mobilidade da comunicação. Os celulares, praticamente *microteletelas*, são peças fundamentais de utilização social no cotidiano. Além de interligar pessoas pela fala em qualquer lugar, incorporaram a tecnologia audiovisual, com mesmas funções dos modernos tocadores de música digital, dos

rádios e das mini-televisões de bolso, servem como calendários, relógios, despertadores, acessam a internet e atendem à comunicação efêmera dos e-mails e mensagens de texto via celular. Sem mencionar a nova tecnologia que permite mapear a localização de um indivíduo por satélite, castrando a privacidade do mesmo e assemelhando-se à equipamentos rastreadores.

Winston Smith, como todos os membros do partido, eram seres dedicados ao trabalho, extremamente pontuais e diariamente bombardeados pelas informações da *teletela*. McLuhan criou o termo *meios quentes* para definir todo *media* que satura os sentidos humanos com dados, e descreveu, em *A Galáxia de Gutemberg*, sua visão de homem moderno dessa maneira:

O advento da imprensa forçou o homem a se concentrar na visão, em detrimento de outros canais sensórios, o que gerou um novo ser: o homem gutemberguiano, que é mais lógico, disciplinado, com o espírito fechado a possibilidades mais amplas da expressão imaginativa, é pontual e produtivo, submete-se a quadros de horários e à racionalização da vida moderna. (apud SANTOS, 1998, p. 24).

O *falaescreve* apresentado no livro é um dispositivo que permitia a Winston fazer alterações sem que ele precisasse digitar ou escrever. Bastava que falasse num microfone e as alterações eram feitas automaticamente. Existem interfaces que funcionam com comando de voz e até mesmo um software chamado *Viavoice* em que você pode ler trechos e ele transforma o som em texto para o computador. A técnica de comando de voz servia em 1984 como controle, pois falando o que alteravam, os membros do partido eram vigiados. Hoje, tal tecnologia apresenta a espantosa relação de diálogo entre homem e máquina, já que, no processo de comunicação cibernética, o emissor dá um comando, que é recebido e obedecido pelo equipamento.

5.2 Referências Culturais e Sociais

Considerando os estudos culturais, que apontam a comunicação como fonte transformadora da sociedade, Felipe Pena (2005, p. 145) cita: “A ação da mídia no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social forma a cultura e age sobre ela”. A inserção da classe popular na produção de informação é incompatível com a relação entre classes sociais de Orwell e seus mecanismos de produção cultural. Supor a subjetividade da massa é suficiente para já excluir definitivamente a relação

entre escola cultural e *distopia orwelliana*. Para os *cultural studies*, existe uma interatividade entre a classe hegemônica e a massa, que não se sujeita ao que lhes é imposto. Tal postura não os classifica como integrados, nem como apocalípticos, formulando um posicionamento sintético ou neutro.

Examinando ponderadamente o entretenimento atual, por mais que queiramos nos distanciar de pensamentos controladores apocalípticos, os fatos nos remetem ao romance *1984*, não necessitando relacionar diretamente uma escola de comunicação. Seguindo o caminho paralelo à mitificação dos astros de televisão, quem chama atenção hoje também são as pessoas comuns confinadas nos *reality shows*. A sociedade vai ao encontro desse novo modelo de “entretenimento”, compartilhando sua atenção entre os dramas repetitivos e diários das telenovelas e buscando se reconhecer na televisão. Sem necessidade de grandes produções, às vezes, basta um lugar luxuoso com vários seres dispostos a tudo para atingir seu objetivo, a atração praticamente passa a viver por conta própria. Corpos em evidência e nada para fazer, ócio que alimenta a capacidade de realizar coisas sem sentido. Mediante à forçada sobrevivência, participantes falsamente vestem seus personagens, com o intuito de ganhar a fama dos espectadores pelo sonho de ganhar um milhão. O lema do programa *Big Brother Brasil*, referência lógica a *1984*, é: “Vamos dar uma espiadinha!”. A idéia de vigilância constante de Orwell em nada se assemelha ao espetáculo grotesco transmitido pela Rede Globo, sendo que na distopia apocalíptica a sociedade era vigiada pelo partido e não pela própria sociedade. Utilizando essa referência negativa, o público é levado a crer que está fazendo uma coisa obscena, como um *voyeur* telespectador, daí vem o charme o programa. É lógico acompanhar pessoas que sabem que estão sendo observadas como animais numa jaula e esperar comportamentos espontâneos? O desejo do *voyeur* é ver, justamente, o que não se pode ver, observar pelas frestas, romper a barreira entre o público e privado. Assistir ao *Big Brother Brasil* é simplesmente não conseguir acompanhar o que, de fato, acontece no interior dos lares brasileiros. Não há sexo, não há conversas francas sobre comportamento com os desdobramentos normais, não há desentendimentos de fato. Não que há o desejo do vil, porém, a inexistência deste demonstra a falsidade comportamental que é vendida como sendo genuína. O público que deseja ver tais cenas, melhor acompanhar os programas ficcionais das tevês abertas, assim, serão melhor atendidos. A audiência é marcada pela escatologia e não pela virtude. Nem sempre ser verdadeiro, no caso

do programa *BBB8*, é benéfico. Frente a esses fatos, conforme Maria Rita Kehl (apud BUCCI, 2004, p. 168) questiona: “A baixeza é, inevitavelmente, o espelho de nossa verdade mais profunda?”. Conforme explica a autora, a nossa diversão por temas de mau gosto é, nossa tentativa de dar vazão à nossa necessidade de por para fora o que não nos é permitido. Como o personagem Winston, nos atraímos por tudo o que não nos é comum, nem permitido, como a revolta e a promiscuidade de Julia. Para nos sentirmos livres, bastaria somente acompanhar um caso de infidelidade pela telenovela? Sentiríamos-nos saciados pela lascívia? Ou isso, na verdade, tem influenciado o comportamento dos telespectadores a finalmente romper barreiras e ir adiante? Os estudos de recepção confirmam que pessoas diferentes absorvem idéias diferentes do que assistem pela tv, dependendo de fatores sociais para essa apropriação ser em maior ou menor grau. Podendo finalmente medir a audiência real dos programas com o advento da tv digital, a programação irá melhorar, ou seguirá por um caminho sem volta, onde o que nos atrai chegará aos nossos olhos sem barreiras, simplesmente por corresponder à preferência da audiência? Pela visão apocalíptica, contrária à integrada, que se expande com a convergência da mídia, as classes dominantes dormirão em berço esplendido nos anos futuros pela falta de subjetividade da massa.

Outra semelhança encontrada com os dias atuais é a atração pela violência. A *pista número 1*, como era conhecida a Inglaterra no conto, tinha verdadeira devoção pela morte, apresentando enforcamentos como atrações públicas. A atração grotesca pela violência no cotidiano é um tanto quanto velada, apresentando maior expressão no entretenimento. Filmes, jogos e desenhos servem como válvula de escape para a política de dominação hegemônica semelhante à do pão e circo da Roma antiga.

A título de curiosidade, as previsões de cientistas internacionais apontam direções semelhantes às apresentadas por George Orwell, Aldous Huxley e H. G. Wells no tocante à cultura e sociedade em seus romances futuristas. O atrofiamento da libido descrito por Orwell em *1984* é semelhante à esse trecho, retirado de uma notícia do site Terra em que Umberto Veronesi, oncologista, diz que os seres humanos no futuro se tornarão bissexuais, e que a reprodução será, quase em sua totalidade, por inseminação artificial: “É o preço que se paga pela evolução natural da espécie, que é positivo porque nasce da busca pela igualdade entre os sexos. [...] A menor reprodução de hormônios acabaria atrofiando os órgãos reprodutivos e

criando uma espécie de ‘preguiça reprodutiva’”. Winston demonstrou tal comportamento incomum enquanto estava casado e a relação sexual não passava de uma obrigação para com o *Partido*. A *novilíngua* tinha como objetivo diminuir o vocabulário da Oceania *owelliana*, fato semelhante à extinção de 6 mil idiomas falados no mundo nos próximos dois séculos. A previsão é de Michael Krauss, professor da Universidade do Alaska, que enxerga como perniciosa tal evolução: “Toda vez que perdemos (uma língua) perdemos também uma boa parte de nossa adaptabilidade e de nossa diversidade, que nos dão nossa força e nossa habilidade de sobreviver”. Por fim, o teorista evolucionário Oliver Curry aponta que em 100 mil anos a humanidade pode se dividir em duas subespécies devido à seleção natural. Como resultado da seleção sexual criteriosa, as duas subespécies se distribuiriam entre os graciosos e robustos, separação semelhante aos membros do *Ingsoc* e a prole ou entre os Eloi e os Morlocks de *A Máquina do Tempo* de Wells.

5.3 Referências Comunicacionais

O principal conjunto de pensamentos que comunga com as idéias de 1984 certamente foi a escola *frankfurtiana*. Com inspirações marxistas semelhantes às de Orwell, a teoria crítica apresentou, dez anos antes, semelhanças com a distopia apocalíptica. O *Ingsoc* gerava passividade na sociedade oceânica com bens que eram considerados culturais, reforçando a dominação técnica caracterizada pelos sistemas manipuladores e totalitaristas. Orwell contextualiza a dominação cultural nesse trecho:

E o Departamento de Registro, afinal de contas, não passava de uma pequena parte do Ministério da Verdade, cuja missão básica era não reconstruir o passado mas fornecer aos cidadãos da Oceania jornais, filmes, livros escolares, programas de teletela, peças, romances – com todas as informações concebíveis, instruções ou entretenimento, desde uma estátua até uma palavra de ordem, desde um poema lírico até um tratado de biologia, desde um bê-á-bá até um dicionário de Novilíngua. E o Ministério tinha de satisfazer não apenas as complexas necessidades do Partido, como repetir a mesma operação, em nível inferior, para o proletariado. (ORWELL, 2005, p. 44)

Na cultura de massa disseminada pelo *Grande Irmão*, a abordagem artística era totalmente controlada, sendo que os produtos da mídia não passavam de meras reproduções idealizadoras e cíclicas.

A escola latino-americana de comunicação também apresenta referências ao marxismo. Dois conceitos foram bastante estudados pelos pesquisadores deste segmento: o *imperialismo cultural* (concepção de Lênin) e *hegemonia*. (SANTOS, 1998). Não há como relacionar *1984* no contexto de imperialismo cultural, sendo que os blocos nacionais estavam constantemente em guerra entre eles mesmos, tornando impossível estabelecer relações culturais ou econômicas mútuas. Mas, podemos considerar a hegemonia como parte fundamental no pensamento do partido interno de Orwell, conforme define o marxista Antonio Gramsci (apud SANTOS, 1998, p. 27): “[...] a classe que detém a hegemonia política numa sociedade já dominava esta sociedade do ponto de vista cultural. A conquista e manutenção da hegemonia política implica na hegemonia cultural já assegurada”. Não há dificuldade de perceber essa particularidade na disseminação exaustiva de propaganda pró-*Grande Irmão* e contrário à Goldstein na Oceania cataclísmica. No caso da referência com a escola comunicacional da América Latina, inicialmente é importante pontuar que a teoria da dependência apresentada pela vertente latino-americana só surgiu na década de 70, caracterizando George Orwell como visionário à essa premissa comunicacional.

No romance *1984*, a Espiral do Silêncio é o alicerce do sistema de governo, já que as opiniões contrárias são coibidas a ponto de serem extintas. A sociedade da Oceania era totalmente controlada, pois as pessoas não podiam dizer o que pensavam pelo medo da solidão social, situação vivida por Winston pouco antes de morrer. A espiral do silêncio acaba por esconder os desejos de mudança, pois se deve temer não só o indivíduo que é explicitamente contrário, mas também aquele que pensa diferente e também se mantém calado, como O'Brien, personagem que parecia fazer parte da revolução e na verdade era um torturador do partido interno. Orwell criou uma palavra para definir o que significa mascarar o que realmente se pensa e não ter opinião radical: *duplipensar*. Assim, não há contradições na sociedade de Orwell, quando as opiniões contrárias são explicadas pelo *duplipensar* e esquecidas por medo da repressão, que pode vir do Partido que governa o país ou mesmo da própria sociedade que se auto-espionava. Em determinado momento da trama, o indivíduo oceânico, para não chamar atenção, deveria ao invés de permanecer calado, se manifestar, caracterizando uma curiosa teoria inversa que poderíamos chamar de Espiral do Barulho.

Durante os Dois Minutos de Ódio não era possível deixar de participar do delírio geral, mas aquele cântico subumano “G.I.!... G.I.!” sempre o enchia de pavor. Naturalmente, cantava com os outros: seria impossível proceder doutra forma. Dominar os sentimentos, controlar as feições, fazer o que todo mundo fazia, era uma reação instintiva. (ORWELL, 2005, p. 19).

Por diversas vezes no romance, Winston teve que agir de maneira contrária às suas crenças para não ser *vaporizado*, termo utilizado pelo personagem para definir o desaparecimento de pessoas punidas pelo *Ingsoc*. Como Elisabeth Noelle-Neuman só relacionou o conceito da Espiral do Silêncio bibliograficamente em 1984, a teoria pode ser caracterizada como uma premonição *orwelliana*.

Como exemplo da teoria do *Agenda Setting* em 1984, guerras e festivais passaram por tais processos de promoção. Os conflitos entre Oceania e demais nações eram divulgados e discutidos simplesmente por incidência da mídia, quando seu acontecimento era totalmente dúbio. As informações sobre a guerra subsidiavam discussões otimistas sobre economia, política, cultura, ou seja, assuntos de interesse da sociedade em geral, mitificando a imagem do ditador *Grande Irmão*. Irreais crescimentos econômicos eram acompanhados pelos ingleses, que não tinham capacidade de questionar informações falsas que eram alteradas de um dia para o outro. Tudo girava em torno desta premissa conflituosa, conforme podemos comprovar nesse trecho (ORWELL, 2005, p. 174-175):

Evidentemente, não se admitiu que qualquer mudança houvesse acontecido. Apenas se fez saber, de modo inesperado e em toda parte ao mesmo tempo, que a inimiga era a Lestásia, e não a Eurásia. Winston estava participando de uma demonstração numa praça central de Londres quando o fato ocorreu. [...] Com intervalo de alguns momentos a fúria da multidão fervia e a voz do orador era afogada por um rugido feroz, selvagem, subindo incontrolável de milhares de gargantas. [...] Havia uns vinte minutos que falava quando um mensageiro subiu à plataforma e um pedaço de papel foi passado às mãos do demagogo. [...] Mas de repente mudaram os nomes. Sem que uma palavra fosse pronunciada nesse sentido, uma onda de compreensão percorreu a massa. A Oceania estava em guerra com a Lestásia! No momento seguinte houve uma tremenda comoção. [...] O Ódio continuou exatamente como antes. Apenas o alvo fora mudado.

Conforme Felipe Pena (2005) destaca, um veículo como a televisão muda nossas formas de aprendizado, pois nos acostumamos com a velocidade das edições e a telegrafia da linguagem. Esse preceito altera nosso tempo de cognição e facilita o trabalho dos media na função de definição de assunto. Orwell exemplifica o agendamento também nesse período:

Fabulosas estatísticas continuaram saindo da teletela. [...] O anúncio do Ministério da Fartura terminou com outra fanfarra e foi seguido de música metálica. Parsons, movido a um vago entusiasmo pelo bombardeio dos números, tirou o cachimbo da boca. – O Ministério da Fartura fez excelente

trabalho este ano – comentou, abanando a cabeça com ar de quem sabe o que diz. Por falar nisso, meu velho Smith, não tens uma giletinha que possas ceder?

Ao só apresentar a teoria do agendamento em 1972, McCombs e Shaw também, a exemplo da espiral de Neuman, adicionam importância ao livro de Orwell, escrito 24 anos antes da formulação do *Agenda Setting*.

Analizando a teoria funcionalista, tipicamente integrada, podemos considerar que em nada ela se associa com a obra de George Orwell, pois a escola contextualiza o processo de comunicação em sociedades capitalistas liberais, onde as leis do mercado devem prevalecer. (SANTOS, 1998). Para Paul Lazarsfield, um dos precursores do pensamento positivista, os efeitos dos meios de comunicação são limitados, o que impede sua utilização para fins autoritários. E uma das razões para que o autoritarismo não se propagasse seria a resistência por parte da opinião pública. Com a pluralidade de fontes de informação, o público poderia tomar decisões que interferissem nos processos sociais, situação inversa à vivida pela sociedade de 1984.

Apesar de estar relacionado com a escola latino-americana, os estudos sobre recepção não se encaixam com 1984 como a teoria que cita a hegemonia dominante. As pesquisas que abordam a receptividade desde a década de 70 partem do pressuposto que cada indivíduo ressignifica as mensagens dos emissores de maneira independente, de acordo com suas condições sócio-culturais, identificando negociações e resistências aos *media*. Considerando essa visão, não há como imaginar ressignificações por parte dos habitantes da Inglaterra de Orwell, pois mesmo que houvesse uma reinterpretação dos estímulos enviados pela *teletela*, os indivíduos deveriam permanecer amenos, acreditando ou fingindo acreditar na mensagem contraditória.

A dualidade na interpretação de signos no romance *orwelliano* é um ponto de partida interessante para discutir a semiótica. Como fator de fácil assimilação significativa, a imagem do *Grande Irmão* que estava presente em quase todos os lugares da Londres caótica é um bom exemplo, pois todos sabiam o que representava a figura do G.I., somente a imagem do líder da Oceania já dava a impressão de onipresença e apresentava uma idéia abstrata de controle que uma foto comum não pode apresentar. Já os temas *duplipensar* e a *novilíngua* são objetos que se adéquam à análise contraditória da semiótica, sendo que a

significação e a resignificação são temas tão polêmicos do livro. Segundo Charles Sanders Peirce (apud FILHO, 2005, p. 21):

Um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente de tal modo que, de certa maneira, determina, naquela mente, algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediada é o objeto, pode ser chamada de interpretante.

No caso do *duplipensar* e da *novilíngua*, a tradução de palavras e idéias é, por algumas vezes, confusa por parte do receptor, considerando a constante alteração no léxico que era implantado na Oceania e as diferentes interpretações dos receptores para cada idéia imposta pelo partido interno. Aqui, é importante salientar que a reinterpretação exigida pelo partido não funcionava, pois com a velocidade que os termos mudavam era impossível que a *novilíngua* se estabelecesse em definitivo.

O conceito de *gatekeeper*, elaborado por Kurt Lewin em 1947, se assemelha bastante ao trabalho de Winston, Mauro Wolf (2003, p. 184) explica esse sistema de controle de informação como: “um indivíduo ou um grupo (que) tem ‘o poder de decidir se deixa passar ou interrompe a informação’”. Em determinado momento, o personagem cogitou guardar provas das manipulações, mas teme por sua vida. Assuntos desagradáveis eram apagados por intermediação do protagonista, que tinha consciência de seu poder de ocultar a verdade. No trecho a seguir, Winston exclui a existência de um membro do Partido Interno que havia entrado em contradição com o *Ingsoc*: “Três meses depois a CCFF fora dissolvida de repente, sem que se explicassem as razões. Podia-se imaginar que Withers e seus auxiliares tivessem caído em desgraça, porém nada transpirara nem na imprensa nem na teletela”. (ORWELL, 2005, p. 46). Conforme foi dito anteriormente, o passado era constantemente alterado, dando sentido ao presente. Assim, a função de *gatekeeper* era efetuada em duas fases distintas: a primeira pelo Partido Interno, ao filtrar as informações atuais que aconteciam e a segunda pelo Partido Externo, que recebia as ordens de alterações e modificavam o passado, dando legitimidade ao presente.

O livro *1984* é visionário a três vertentes apocalípticas, porém, há relação não só com o pensamento negativista explicitado por Umberto Eco, mas também com a maioria das teorias e escolas neutras resumidas no capítulo três, entre elas

estão a semiótica e os estudos canadenses. É inegável a importância da obra para o ensino de comunicação, servindo para despertar o pensamento crítico universitário e exemplificar situações contrárias ao direito à informação, obrigação de todo jornalista. A teoria que podemos formular à partir do pensamento de George Orwell, exemplificado em *1984*, se faz da junção entre detalhes da teoria crítica, da escola canadense e da semiótica. Claramente apocalíptica, as visões marxistas objetivas à respeito da dominação política, somada ao desenvolvimento tecnológico escravizante e a habilidade lingüística para direcionar o raciocínio discursivo configuram o embasamento que sustentaria o controle hegemônico do Partido *Ingsoc*. A teoria se apresenta propriamente fictícia em 2008, ano em que esta pergunta foi feita, mas talvez se invertermos os dígitos como fez Orwell, em 2080 quiçá tal combinação exista e esteja sendo utilizada se não acordarmos a sociedade para o futuro.

Conclusão

O aspecto mais importante de reflexão sobre comunicação na era *orwelliana* do *Grande Irmão* é um alerta para o campo da informação e para os seus estudiosos. Tal testamento foi deixado também para os políticos, sociólogos, filósofos, entre outros, que aparentemente usufruem de maneira mais crítica os conselhos de George Orwell. Os aspectos controladores retratados no romance podem se tornar reais nas próximas décadas, e cabe aos profissionais de comunicação despertarem a sociedade da sedução ideológica do consumismo desenfreado. De certa forma, este trabalho abordou o tema de forma extremamente apocalíptica. A intenção era justamente servir de alerta, intenção semelhante à de Orwell, que apesar do negativismo demonstra esperança no futuro, depositando importância nas classes menos favorecidas, conforme citou em *1984* (ORWELL, 2005. p. 72): “Não se revoltarão enquanto não se tornarem conscientes, e não se tornarão conscientes enquanto não se rebelarem”. A luz no fim do túnel parece vir da revolução democrática prometida pela implantação da televisão digital. A democratização de informações e de tecnologia prometida com a chegada de sinais digitais para todos os telespectadores do Brasil pode ser utilizada tanto para tornar comum o conhecimento e democratizar nossa cultura pluralista. Este é o embrião do pensamento integrado que contrapõe os apocalípticos e que pode ser implantado de acordo com o interesse da classe hegemônica. A teoria apocalíptica original que se apresenta no romance de Orwell considera uma sociedade acrítica, controlada ao máximo com ajuda de tecnologia bastante desenvolvida, que persuade não só com estímulos diretos e subliminares, e que também mede a resposta imediata da audiência. Se a sociedade adquirir esta configuração, os conglomerados de comunicação e sua indústria cultural institucional se tornam infalíveis, e a manipulação irá adquirir caráter incontrolável e irreversível.

Bibliografia

- AUGRAS, Monique. **Opinião Pública: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis : Vozes, 1974. 165 p.
- BENOIST, Alain de. **Comunismo e Nazismo : 25 Reflexões sobre o Totalitarismo no Século XX**. Lisboa : Editora Hugin, 1999. 163 p.
- BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaio sobre televisão**. São Paulo : Boitempo, 2004. 252 p.
- BONALUME NETO, Ricardo. **George Orwell**. São Paulo : Brasiliense, 1984. 94 p.
- COSTELLA, Antonio. **Comunicação – do grito ao satélite (história dos meios de comunicação)**. São Paulo : Editora Mantiqueira, 2001. 139 p.
- DOWNING, John D. H. **Mídia Radical : rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo : Editora SENAC, 2002. 544 p.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo : Editora Perspectiva, 1993. 386 p.
- FILHO, Antonio Roberto Chiachiri Filho. **A Semiótica na Comunicação**. Artigo retirado da revista *Communicare : revista de pesquisa*. Volume 5, n. 1. São Paulo : Faculdade Cásper Líbero, 2005. p. 17-26.
- FLEUR, Melvin L. de. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1971. 214 p.
- HOHLFEDT, Antônio e GOBBI, Maria Cristina. **Teoria da Comunicação: Antologia de Pesquisadores Brasileiros**. Porto Alegre : Sulina, 2004. 396 p.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, BORELLI, Helena Simões e RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a Telenovela : mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo : Summus, 2002. 394 p.
- MELO, José Marques. **Teoria da Comunicação : paradigmas latino-americanos**. Petrópolis : Vozes, 1998. 412 p.
- ORWELL, George. **1984**. 29ª edição. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2003. 301 p.
- _____. **Dias na Birmânia**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1983. 351 p.
- _____. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo : Globo, 1999. 98 p.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo : Contexto, 2005.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. **Introdução à Teoria da Comunicação: As escolas; os autores; os principais conceitos**. São Bernardo do Campo : UESP, 1998. 64 p.
- SILVA, Luiz Martins da. **Teorias da Comunicação no Século XX**. 3. ed. Brasília : Casa das Musas, 2005. 50p.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e os Seus Efeitos: As Teorias do Jornalismo e dos Efeitos Sociais dos Media Jornalísticos**. Coimbra : MinervaCoimbra, 2000. 222 p.
- SMITH, David e MOSHER, Michael. **Orwell para Principiantes**. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1986. 195 p.
- THOMPSON, James J. **Anatomia da Comunicação**. Rio de Janeiro : Edições Bloch, 1973. 293 p.
- TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo : Unisinos, 2001. 220 p.
- _____. **Teorias do jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis : Insular, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo : Martins Fontes, 2003. 295 p.

Apêndice

Apêndice A – Questionário de Pesquisa de Campo

Pesquisa de opinião para Monografia

1. Esta é uma pesquisa acadêmica de conclusão de monografia, que busca conhecer a opinião dos estudantes de jornalismo sobre o autor George Orwell e suas obras.
2. Não é necessário que você se identifique.
3. Com base na pergunta principal, responda o questionário entre as opções A ou B.

Pergunta principal:

Você já leu o romance “1984 – A Era do Grande Irmão” de George Orwell?

Opção A	Opção B
<p><input type="checkbox"/> Sim, Por favor, continue respondendo abaixo:</p> <p>A1 – Quantas vezes você já leu 1984? <input type="checkbox"/> Uma vez; <input type="checkbox"/> Duas vezes; <input type="checkbox"/> Três vezes; <input type="checkbox"/> Quatro ou mais vezes.</p> <p>A2 – Você já assistiu ao filme de Michael Radford sobre o livro 1984? <input type="checkbox"/> Não; <input type="checkbox"/> Sim.</p> <p>A3 – A leitura foi por indicação de alguém? Quem? <input type="checkbox"/> Não, resolvi ler por conta própria; <input type="checkbox"/> Sim, quem indicou o livro foi: <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/></p> <p>A4 – Alguma vez a obra foi citada durante o curso de Comunicação Social? Quando? <input type="checkbox"/> Não, nunca foi citado; <input type="checkbox"/> Sim, na matéria de: <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/></p> <p>A5 – Você fez alguma relação entre o conteúdo do livro e as idéias teóricas de comunicação ensinadas no seu curso superior? Se sim, quais? <input type="checkbox"/> Não, nunca pensei sobre isso; <input type="checkbox"/> Sim, fiz relação com: <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/> <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/> <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/></p>	<p><input type="checkbox"/> Não, Por favor, continue respondendo abaixo:</p> <p>B1 – Por que nunca leu? (marque 1 opção) <input type="checkbox"/> Comecei, mas não terminei; <input type="checkbox"/> Nunca tive interesse; <input type="checkbox"/> Não conheço o livro; <input type="checkbox"/> Já ouvi falar, e pretendo ler futuramente; <input type="checkbox"/> Nunca li, mas vi o filme.</p> <p>B2 – Apesar de nunca ter lido a obra 1984, você conhece ou ouviu falar sobre as idéias principais do livro? <input type="checkbox"/> Não, desconheço completamente; <input type="checkbox"/> Sim, o livro fala basicamente sobre: <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/> <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/></p> <p>B3 – Já leu outra(s) obra(s) de George Orwell? Qual(is)? <input type="checkbox"/> Não, nunca li; <input type="checkbox"/> Sim, li: <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/></p> <p>B4 – Você acompanhou alguma edição do <i>Big Brother Brasil</i> da Rede Globo? <input type="checkbox"/> Sim; <input type="checkbox"/> Não.</p> <p>B5 – Você já ouviu falar sobre a origem do termo “<i>Big Brother</i>”? Onde? <input type="checkbox"/> Não, só conheço a relação do programa de tv; <input type="checkbox"/> Sim, conheço de: <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/> <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black; margin-top: 5px;"/></p>

Muito obrigado!